



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

1. A expressÕo da memÓria andina frente à viol&eacirc;ncia

Meritxell Hernando Marsal (UFSC), Romulo Monte Alto (UFMG)

RESUMO

O presente simpÓsio temÁtico quer ser um ponto de reuniÕo de propostas que reflitam sobre como a literatura e a arte andina, em suas diversas formas de expressÕo e circuitos de comunicaço, tem acolhido a memÓria dos fatos traumÁticos que marcam a regiÕo e as funçoes que estas narrativas realizam. Tanto a agressÕo colonial como as prÁticas de segregacÕo republicanas, chegando à viol&eacirc;ncia institucionalizada do século XX sÕo incorporadas pelas formas da arte andina em gestos de índole diversa, que buscam testemunhar o trauma e transformar o acontecimento para que passe a falar desde uma perspectiva nÕo hegemÓnica (Cusicanqui) e nem colonial (Quijano). Nestas expressÕoes estÕo em jogo as formas de entender a histÓria e seu registro, seus protagonistas e sua enunciaçao, assim como as possibilidades que a arte tem na sua reconfiguraçao e projeto. Em geral, o debate sobre a memÓria da viol&eacirc;ncia parte da vig&eacirc;ncia da reivindicaçao da memÓria contra o esquecimento, na histÓria de vÁrios países latino-americanos, mediante as inúmeras narrativas que foram construídas nos vÁrios campos da arte (literatura, cinema, fotografia, artes plÁsticas, música, etc.), junto a algumas disciplinas acad&eacirc;micas (direito, histÓria, psicologia, antropologia, etc.), para desembocar no que comumente se espera de uma discussÕo sobre seu carÁter pedagÓgico (nunca mais), reparador (justiça transicional) e reconciliador (terap&eacirc;utico). Por outro lado, a viol&eacirc;ncia da memÓria parte da pergunta sobre o destino (uso e funçao) dos conteúdos dessas produçoes culturais, assim como os relatÓrios das ComissÕoes da Verdade, de modo que nÕo sirvam apenas para referendar um final reparador, no qual se oferece às vítimas uma quantia em dinheiro ou um documento oficial por um ente perdido ou pelo dano sofrido, assim como à sociedade monumentos e locais de memÓria que acabam reproduzindo as condiçoes assim&eacirc;tricas geradoras da viol&eacirc;ncia, o que revela uma face desconhecida da institucionalizaçao dos processos de memÓria. No âmbito da Rede de Estudos Andinos (Literatura e Cultura), proponentora deste simpÓsio, vem se desenvolvendo vÁrios projetos de pesquisa que abordam esta temÁtica desde linhas de pesquisa diversas, que vÕo do estudo das narrativas contemporÁneas, das expressÕoes po&eacirc;ticas em línguas indígenas, dos estudos da performance, do papel da traduçao mais além da mediaçao, da expressÕo feminina como subversÕo aos discursos masculinos, das prÁticas de invençao da memÓria por parte de coletivos civis, etc. Nesse sentido, o simpÓsio é um convite à participaçao e à incorporaçao de novos pesquisadores e interessados, que possam fazer do tema andino no Brasil um lugar de reflexÕo e conhecimento.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

2. A Influência do Imperialismo no Cenário Político da América Latina

Adnilson de Almeida Silva (UNIR), Klondy Lúcia de Oliveira Agra (UNIRON)

RESUMO

O cenário contemporâneo da política na América Latina não deve ser observado apenas sob a luz da história recente da região, pois, formada por países colonizados e com vieses culturais descendentes de forte imperialismo, a América Latina, ao longo de sua história, se mostra com políticas enfraquecidas e com um quadro político e social que se desenha exibindo de um lado, o modelo neoliberal de acumulação capitalista e, de outro, fortes resistências populares à implantação dessas políticas. Dois polos divergentes que apresentam crises políticas e exibem fortes características deixadas pela burguesia europeia colonizadora. Ademais, num mundo globalizado, com uma visão geopolítica de centro e periferia, percebem-se suas populações em crise de sentidos devido aos constantes ataques da mídia e discursos diversos e contraditórios. Um espaço mediado pela linguagem e pelas múltiplas interferências que compõem o imaginário e a história da vida e da política latino-americana, sendo componentes agregadores, também, de sentidos e significados que compõe seus saberes que não se baseiam em visões idealizadas de comunidades e sim em sentidos, percepções, valores e ideologias enraizadas em suas culturas. No entanto, a realidade que é informada institucionalmente aparece ao indivíduo não como uma entre outras formas de viver, mas como realidade correta, e o sujeito, com toda sua comunidade, não encontra mais em sua verdade a verdade do “Outro”. Uma crise de sentidos que alcança homens e mulheres da América Latina e os fazem crer que não há mais valores comuns e, por isso, são incorporados na sociedade como colonizadores e/ou colonizados. Os estudos decoloniais e o pensamento pós-colonial têm identificado essas crises de sentido no cenário político da América Latina e tem criticado o trajeto de consolidação do modelo capitalista global e da ordem internacional, resultante da intensificação do lado obscuro da modernidade e da expansão ocidental. Esse ST reúne trabalhos que versem sobre temáticas relacionadas à formação e desenvolvimento dos espaços territoriais e sociais. Nesse viés crítico, ainda que com aportes temáticos diversos, vêm as críticas decoloniais de Anibal Quijano, Edgard Lander, Oscar Guardiola-Rivera, Immanuel Wallerstein, Arthuro Escobar, Santiago Castro-Gomez, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Walter Mignolo, Gayatri Spivak, María Lugones, Peter Fitzpatrick, Frantz Fanon, Fernanda Bragato, Rita Segato, Enrique Dussel, José-Manuel Barreto, Lewis Gordon, Hamid Dabashi e tantos outros, são esclarecedores à temática proposta.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

3. A Tradução na América Latina: adaptações e apropriações

Andréa Moraes da Costa (UNIR), Válmí Hatje-Faggion (UNB)

RESUMO

Muitas discussões já apontaram para o fato de que o discurso produzido por um sujeito situado em um determinado tempo e espaço – seja esse espaço real/verdadeiro/histórico ou imaginado/ficcional – implicará na recepção desse discurso em um contexto distinto de sua produção. No entanto, ainda se faz necessário revisitar temáticas como esta, pois, tomando emprestadas as palavras do ensaísta Hugo Achugar (2008, p.10), “é completamente inadmissível acreditar ou aceitar como irrefutável e eterna toda afirmação definitiva, última, sobre arte, cultura ou literatura”. Discussões acerca desta tríade, em certa medida, serão sempre efêmeras e passíveis de constantes atualizações. Neste sentido, debates que abordam contextos de produção e recepção de obras literárias assumem lugar importante na academia. E, pelo menos, a maioria de seus integrantes não ignora que há encontros de saberes que emergem no ato de tais contextos, e que apresentam pontos delicados merecedores de contínuas reflexões. Um dos pontos delicados é o fato que esses encontros não sejam provocados bilateralmente na mesma proporção, isto é, tanto pela cultura produtora do discurso quanto pela cultura receptora deste. Neste âmbito de traduções, adaptações, apropriações do discurso, o tradutor e/ou diretor, produtor, adaptador assume função relevante, pois ao reescrever uma obra materializa suas marcas não somente na obra traduzida, mas também em outras fontes como em publicações, entrevistas, correspondências e manuscritos (MUNDAY, 2014:64). Assim, de acordo com as estratégias de reescritura selecionadas durante a tarefa tradutória, pode-se analisar questões referentes a impulsos e ideologias, pessoais e históricas, que são rastreáveis nos vários atos de tradução, adaptação e apropriação (SANDERS, 2006:19). Considerando que a tradução assume papel importante na tentativa de atenuar as fronteiras existentes entre as diferentes culturas, o Simpósio aceitará propostas que contemplem o contexto Latino Americano nos seguintes tópicos (dentre outros): tradução (inter)cultural, multilinguagem, tempo, espaço, memória; adaptação/tradução de um gênero textual para outro; tradução/adaptação intersemiótica; multimodal; audiovisual; tradutor -perfil, história do tradutor, relações sociais; relações interdisciplinares propiciadas pelos Estudos da Tradução; ética e política tradutória; poder, ideologia, patronagem; (micro) história e crítica da tradução; fontes primárias e extratextuais (comentários, correspondências, entrevistas, blogs, vídeos, publicações (acadêmicas), arquivos literários/ pessoais, manuscritos.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

4. AfroAmérica: Saberes Diversos e Memórias Culturais na Construção de um Espaço Afro-latino-americano

Liliam Ramos da Silva (UFRGS), Rogerio Mendes (UFRN)

RESUMO

As décadas finais do século XX foram frutíferas no avanço dos estudos da cultura afrodescendente na América Latina e percebe-se que este é um campo que tende a aumentar devido ao crescente número de publicações, congressos, simpósios, encontros etc. dedicados à leitura e discussão de obras literárias cujo contexto resgata a(s) história(s) e a complexidade dos desdobramentos da escravidão no continente. Os estudos sobre a presença e contribuição cultural dos afrodescendentes gradativamente tornam-se mais visíveis e importantes no âmbito da academia universitária indo além da questão da escravidão e refletindo sobre as contribuições dos afro-saberes nas Américas. Este simpósio defende a ideia de que todos os países latino-americanos receberam, em maior ou menor escala, influências africanas em seu desenvolvimento como nações. Não é raro ouvir que “não há negros na Argentina porque não houve escravidão neste país”. Na Literatura, esta afirmação é contestada, visto que é possível contar com obras do século XIX como *El Matadero*, de Esteban de Echeverría, e outras do século XX que vão desmistificar a ausência de afrodescendentes na composição da identidade nacional além de estudos que comprovam que a palavra tango, referente a uma das expressões culturais mais conhecidas do país, tem origem africana. Países como México, Peru e Equador, onde tradicionalmente a presença indígena é considerada central na identidade nacional, também têm desenvolvido pesquisas que comprovam a relevância dos afrodescendentes na formação social desses países. Neles, as populações afrodescendentes enfrentam uma dupla opressão visto que são concomitantemente uma minoria política e numérica. Por outro lado, os espaços culturais do Caribe e do Brasil, sempre tão referenciados no que tange à uma memória cultural de origem africana amplamente reconhecida e difundida pela organização política em torno da raça, ainda sofrem com o racismo estrutural que subjuga a população negra e reproduz desigualdades. A proposta do simpósio é oferecer um espaço que oportunize debates com vistas para uma maior visibilidade de autores e autoras afrodescendentes cujas produções críticas estejam compreendidas no espaço que aqui identificaremos como afro-latino-americano. Para isso, buscamos recortes de representações literárias e culturais negras nas literaturas e culturas que evidenciem o protagonismo autoral de algumas de suas vozes, sejam elas africanas ou afro-diaspóricas, no processo de formação literária e social latino-americana.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

5. As poéticas orais nas Américas e Amazônias: desafios teórico-metodológicos e experiências interdisciplinares

Edil Silva Costa (UNEB), Josebel Akel Fares (UEPA)

RESUMO

Na contemporaneidade, momento de tantas incertezas e temeridades, a vida comunitária, tão coesa em outros tempos, se esgarça. As pessoas se afastam por força das dificuldades do cotidiano e das novas estruturas sociais às quais as comunidades de caráter tradicional se adequam. Enquanto as informações circulam cada vez mais rápido, as comunidades narrativas, de caráter tradicional, caminham no ritmo mais lento. Porém, o acesso às novas tecnologias, bem como aos meios de comunicação de massa cada vez mais diversificados e ampliados, não se restringe aos centros urbanos e suas periferias. Os modos de vida das comunidades tradicionais também vão sofrer alterações mais rapidamente e novas formas de relações se estabelecem. No entanto, a voz continua a ser um importante elo, pois ainda é uma das formas de unir pessoas. Tanto aquelas próximas, que compartilham o mesmo meio social, quanto as distantes no tempo, pessoas de hoje com seus antepassados. A voz da tradição une o tempo contemporâneo com o passado ancestral, o oral permanece no mundo contemporâneo. Daí importa questionar e compreender a permanência e os modos como se dá esse fenômeno, uma vez que os recursos tecnológicos ampliam as possibilidades de transmissão e de registro, alterando, portanto, os modos de construção e preservação da memória. As formas de manutenção das tradições são bastante peculiares e funcionam de acordo com as normas internas de cada grupo. A partir dessa constatação, indaga-se como, na sociedade atual, as tradições orais e as literaturas da voz se mantêm e investiga-se de que modo vão se reconstruindo, a partir das relações com a cultura de massa, por exemplo. A tradição oral reafirma-se, assim, como uma produção dinâmica e viva, reveladora de aspectos das identidades culturais de comunidades que transitam entre suas tradições e outros extratos culturais. Nesse contexto, a pesquisa em poéticas orais apresenta novos desafios teórico-metodológicos, que devem levar em consideração a complexidade do quadro acima apresentado. O simpósio “As poéticas orais nas Américas e Amazônias: desafios teórico-metodológicos e experiências interdisciplinares” objetiva agregar pesquisadores de poéticas orais, destacando nossos lugares de fala e diversidade de formação, para uma discussão qualificada dos desafios contemporâneos. A pesquisa na área tem avançado muito no Brasil, assim como em outros países latino-americanos. O projeto Rede Cartografias de Poéticas Orais conseguiu reunir pesquisadores de todas as regiões brasileiras e traçar o mapa desses estudos no Brasil, a exemplo dos projetos IFNOPAP (Imagário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense), o CUMA (Núcleo de Pesquisa Culturas e memórias Amazônicas), o AMTRO (Acervo de Memória e Tradições Orais na Bahia), o NUTOPIA (Núcleo de Tradições Orais e Patrimônio Imaterial), o CEO (Centro de Estudos da Oralidade), o LEO (Laboratório de Estudos da Oralidade), dentre tantos outros. Embora a maior parte dessas pesquisas esteja ligadas a centros acadêmicos e programas de pós-graduação e sejam coordenados por pesquisadores da área de letras, dada à natureza dos estudos em oralidade e aos aspectos do contexto relatados acima, há intenso diálogo com outras áreas com destaque para as ciências humanas. Desse modo, o referencial teórico-metodológico que nos dão sustentação também transita por outras áreas. O Simpósio proposto deverá congrega pesquisas e pesquisadores, em uma troca de experiências interdisciplinares, convergentes para um tema comum: as poéticas orais nas Américas e Amazônias.



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

6. Cartografias do urbano nas Amazônias: relatos de cidades, rios e florestas na história e na literatura

Francisco Bento da Silva (UFAC)

RESUMO

Este Simpósio Temático (ST) visa congregar trabalhos de pesquisas e ensaios cujo foco e abordagem estejam voltados para discutir processos de formação das cidades amazônicas e as representações em torno dos modos de vidas dos múltiplos sujeitos, reais ou ficcionais, que nelas vivem, morrem ou que por elas se deslocam em movimentos repentinos e duradouros. Pensar estas cidades reais e idealizadas nas suas dimensões históricas, literárias, geográficas, artísticas, culturais, arquitetônicas e patrimoniais. As cidades amazônicas, na sua maioria, se formam inicialmente atravessadas por valores – regrados pela lei ou pelos costumes – que muitas vezes entram em conflitos com as normas constituídas emanadas da idealização de cidades “eurocêtricas”. Daí resultaram e resultam variados discursos e representações acerca de determinados tipos de sujeitos: homens e mulheres; crianças e adultos; negros, brancos e indígenas; identidades de gêneros; pessoas anônimas e conhecidas; pessoas “inadequadas”, “esquisitas”, “rudes”, vagabundas, sem “urbanidade” e que muitas vezes irão contrastar com a cidade idealizada/pensada/narrada pelos seus administradores públicos, intelectuais/técnicos (engenheiros, urbanistas, arquitetos, médicos, juristas, escritores, jornalistas) e suas elites (política, cultural e econômica). Muitos desses comportamentos vistos como desviantes passam a ser repreendidos por códigos e leis escritas e não escritas como crimes, contravenções, atentados à honra e aos bons costumes, ao ideal de bom gosto e às estéticas em vigor ou valorizadas como superiores em um determinado tempo e lugar. Também se buscará pensar as questões relacionadas aos patrimônios ditos históricos; as memórias coletivas e individuais; as historicidades narradas, as toponímias dos lugares e cultura nos espaços das cidades. Discutir questões relacionadas a natureza e o mundo rural, vistos geralmente como antinômicos ao que é citadino, calcado no discurso da civilidade e do progresso. Nesta direção, falar sobre os rios amazônicos e suas relações com o espaço urbano e as pessoas que vivem e seu entorno estabelecendo relações cotidianas ligadas ao transporte, a alimentação, às crenças no misterioso e magia das águas, regimes de chuvas e estiagem que impactam essas populações ribeirinhas e urbanas.



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

7. Creación literaria transfronteriza: Poesía y multinaturalismo

Pedro José Granados Agüero (VASIFIN)

RESUMO

Acaso es tarea de la academia, hoy más que nunca, intentar superar – a modo de un salto cualitativo – las clasificaciones y taxonomías y atrevernos a evaluar la «poesía nueva» (César Vallejo) en cuanto y en tanto «sensibilidades nuevas» en o para un contexto determinado. Y, asimismo, atrevernos a trabajar en el aspecto cultural con opacidades (mixturas, hibridaciones, simultaneidades) ya que, de modo casi unánime, partimos de esencialismos o privilegiamos temas o motivos: esta poesía es andina – incluso “quechua” – porque habla de determinados temas o con determinado vocabulario; esta otra es del “lenguaje” porque es más o menos metalingüística; o esta otra es “meramente” coloquial o anticuada; etc. Así no llegamos a ninguna parte; salvo a que nos editen el libro o la antología porque cumple de antemano con una agenda de intereses más o menos políticamente correctos; peor aún, más o menos concertados con la institución literaria vigente o dominante. Por lo tanto, se trata de insistir (nunca clausular) sobre los textos – poemas, canciones, traducciones, biografías, cuentos, novelas breves, etc. – que vienen del nivel horizontal (los múltiples repertorios o series: social, histórica, retórica, psicológica, de género, etc.); pero también – y esto es poco mencionado – los que vienen del nivel vertical y suben hacia las palabras. Es decir, y en principio, permitírnos ensayar a través del ejercicio de la escritura automática y la creación colectiva – ambos, modos de intentar trascender el narcisismo y el nihilismo – nuestro reencuentro con lo colectivo y con el mito: “no es nunca de su lengua, es una perspectiva sobre otra lengua” (Lévi-Staruss). Esto último, privilegiando – antes que la metáfora – la metonimia en tanto estado transitorio de identificación del sujeto poético con una ecología, una historia o un “mito inscrito en el paisaje”; de allí lo de “multinaturalismo” (Viveiros de Castro). Para, luego de habernos ejercitado en lo colectivo, intentar encontrar nuestro propio ritmo (Rubén Darío) o equalizarlo.

Cabe precisar que aquello de “transfronterizo” no se limita a describir un “taller de creación literaria” diseñado expresamente para la amazonía o, por ejemplo, para la frontera peruano-brasileña. Si intentáramos postular su alcance – por cuencas culturales – y sus metas puntuales tendríamos una síntesis como la siguiente: Caribe, para sacudirse de Pablo Neruda; Cono Sur, para que en nuestro pacto con el lector no intentemos, desde un principio, pasar por sujetos poéticos listos; Brasil, para que nuestro performance (cuerpo y ritmo) aterrice mejor en nosotros mismos y luego, y con más potencia, en el papel u otro soporte a través de la escritura. No estamos conminados a la poesía de autoayuda (“acción poética”); ni, tampoco, limitados a transcribir en portunhol selvagem; Área andina, para que leamos en su real dimensión y expresión, de modo gozoso, a nuestro César Vallejo; Amazonía, para sacudirse del espejismo y culto de los formatos –exotismo, multiplicidad de lenguas u otros mimetismos– y optemos siempre, más bien, por las sensibilidades (ejemplo, la poesía de Luis Urteaga Cabrera); éstas, nuestra lengua común; Latina (USA), para, al modo de Tino Villanueva, dialoguemos más fluidamente con las demás cuencas culturales; y encontremos que nos ligan más afinidades que nos separan diferencias; España, para que una vez superadas la “poesía de la experiencia” y la “poesía de la conciencia” y la “poesía de la chocolatina”, etc., percibamos todo ello como desde otra margen, la de América Latina; para, luego, permitir filtrarse a borbotones toda esa oralidad y poesía –a cada paso y a cada minuto y también a cada lectura de los clásicos– del territorio de España; México, porque no todo fue Octavio Paz ni todo debe ser ahora



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

infrarrealismo o un Bukowski, no de sótano, sino de vitrina. Porque en nuestro contrato con el lector no empecemos por apuntarle con un revólver. Finalmente, “Creación literaria transfronteriza: Poesía y multinaturalismo”, va dirigido a investigadores, estudiantes, profesores de ensino medio y público en general. Cada uno de estos públicos sabrá aprovechar lo que mejor esté a su alcance; la teoría, la metodología, el gozo de la práctica de la escritura.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

8. Crítica Decolonial e Cosmologias Afroindígenas: posturas e saberes na Amazônia Oriental

Agenor Sarraf Pacheco (UFPA), Jerônimo da Silva e Silva (UNIFESSPA)

RESUMO

Criado para analisar e questionar não apenas processos de dominação política e econômica em áreas atingidas pela colonização, nascida da histórica modernidade europeia, a partir do século XV-XVIII, o conceito de colonialidade emerge, sobretudo, para: a) problematizar os pressupostos etnocêntricos dos marcadores de classe, raça e gênero em sua rigidez classificatória, b) questionar o fazer científico de determinados modelos eurocêntricos, pautados principalmente na primazia de um paradigma de experiência científica que opõe e hierarquiza homem/natureza, ciência/não ciência, identidade/diferença, dentre outros, c) desconstruir o monopólio de princípios epistemológicos que garantam a aferição das ditas verdade científicas em procedimentos metodológicos enrijecidos ou dogmatizados. A partir desses elementos, se a colonialidade implica uma análise detida dos pressupostos e posturas, isto é, uma abertura epistemológica e ética para perceber com mais profundidade a ação de tais poderes, o que seria a crítica decolonial? Quais desdobramentos conceituais entre colonialidade e decolonialidade? De antemão, é importante frisar que a opção decolonial não é uma sistemática essencialista da América Latina, não desconsidera uma significativa crítica interna realizada pela ciências, filosofias e artes praticadas na Europa não há pouco tempo, nem pretende se aconchegar numa posição excludente de outras vicissitudes geoistóricas, para recorrer aos alertas de Walter Mignolo. A decolonialidade é um procedimento crítico voltado para se pensar a disposição de novos modos de saber e de ser, mediante, principalmente, a tarefa do desprendimento epistemológico e ontológico (desprender não é negar, e sim uma liberação do pensamento), buscando nas experiências dos povos da América Latina tecer resistências e novas posturas ante a dita modernidade/colonialidade capitalista. A decolonialidade é um avanço que parte e ultrapassa a constatação da colonialidade, portanto, torna-se um projeto interdisciplinar e transdisciplinar que almeja a percepção de outros saberes a partir do diálogo com matrizes culturais não colonialistas. No contexto da Amazônia Oriental, a constituição de boa parte do discurso histórico e das interações culturais desde o século XV até o presente, mesmo tendo sido parcialmente apropriadas pelo discurso do colonizador, é possível aperceber-se dos inúmeros saberes e modos de vida de populações de matrizes culturais africanas e indígenas, bem como suas interações e conexões cosmológicas: a percepção desses imbricamentos em documentações de acervos históricos escritos, obras de cronistas, viajantes, vestígios arqueológicos, cidades e obras literárias reforçam, de um lado, que a ótica do europeu, parafraseando Serge Gruzinski, também recebera a flecha da alteridade, um olhar envenenado do Outro sobre Si; por outro lado, ainda no presente, tantas outras possibilidades de diálogos com memórias, paisagens, hábitos alimentares, festas, religiosidades, expressões artísticas, narrativas orais, territorialidades e outros desdobramentos da cultura sinalizam contatos de matrizes africanas e indígenas e suas intervenções cosmológicas citadas. O Simpósio Temático propõe trabalhos que versem sobre aspectos de cosmologias africanas e indígenas – Afroindígenas na Amazônia Oriental, valorizando propostas e perspectivas teóricas tangenciadas pelo projeto da crítica decolonial, ou seja, pela intercessão entre os saberes dos povos amazônicos com os desenhos de novas epistemologias e ontologias. Ancorado nos elementos acima, o Simpósio Temático acolhe pesquisas de todas as



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

áreas do conhecimento, bem como de relações intensificadas em escritos inter e transdisciplinares.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

9. Cuerpo del saber amazónico ecuatoriano

Sofia Yanez (UNIVERSIDAD CENTRAL DEL ECUADOR)

RESUMO

Este simposio temático busca alinear diversos temas que surgen como interrogantes al rol del saber ancestral amazónico y de la naturaleza en la forma de construir el conocimiento, la identidad y la nación ecuatoriana. Para ello, se tratarán desde distintas perspectivas y direccionamientos epistémicos que proponen el cuerpo, la naturaleza, el shamanismo, el pensamiento mítico-poético, la tzantza o reducción de cabeza, como puntos de partida para rescatar y revalorar la construcción de un saber distinto dentro de la Academia Latinoamericana. En este camino, se puede mencionar el testimonio de ImaNemquino en el libro “Los Guerreros de la Selva”, los mitos y oralidad de la Amazonía, el pensamiento de Jeremy Narby, el trabajo de la ecofeminista Esperanza Martínez, el proyecto fotográfico del ecuatoriano Miguel Alvear, el rol de los poetas tzántzicos ecuatorianos y su propuesta estética, como algunos puntos que convergen bajo la temática general propuesta sobre el cuerpo del saber amazónico ecuatoriano obviamente, desde una visión decolonizadora que busca la inclusión y validación de las voces que han quedado fuera del tejido de la sociedad ecuatoriana, a causa de la lógica racionalista, pragmática y extractivista del capital y de la reciente incursión en los terrenos del Parque Yasuní. En el terreno literario, se hablará de la visión de la naturaleza y el saber alterno propuesto por literatos latinoamericanos César Calvo, Jorge Andrade, Juan León Mera, por mencionar algunos.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

10. Currículo do devir: para pensar a formação do professor rizomático.

Simone da Silva Pinheiro (UFAC), Valda Inês Fontenele Pessoa (UFAC)

RESUMO

Nos últimos anos, os pesquisadores do currículo nos têm chamado atenção para regulação dos sujeitos escolares por meio de uma forte articulação de desejos sociais centrados nos documentos curriculares nacionais. Para Moreira e Silva (2002), o currículo é um artefato social que emoldura os processos escolares, estabelecendo padrões e condutas nas escolas. Outro ponto apresentado pelos estudiosos é que o documento oficial não é algo natural, mas, sim, uma criação social de sujeitos na tentativa de impor, ao outro, formas de ser, desconsiderando culturas. Levando em conta que o currículo é um documento escolar, que produz certas desigualdades, podemos também destacar que o mesmo é produzido por meio de discursos. Nossa proposta é debater com a comunidade os supostos problemas apresentados no currículo e, através do debate no campo dos estudos culturais, apontarmos a possibilidade de um outro currículo, a partir de uma perspectiva dos estudos de Deleuze. Um currículo do devir que possibilite um professor nômade, que, para além disso, construa um ensino horizontal de múltiplas raízes, ou seja, um ensino rizomático, ensejando, nas escolas, as possibilidades de saberes que transcendam os padrões tradicionais do currículo, fazendo do aluno e do professor protagonistas do seu processo de ensino e aprendizagem. Deleuze, em seus estudos sobre Proust e a linguagem, destaca que a arte é a ferramenta de decifrar signos. Nesse sentido, todo sujeito aprende por meio do processo artístico, pois, para o filósofo, só a arte liberta, dá significados, constrói mundos e possibilidades. Ele ainda enfatiza que as palavras são secretas, carregadas de mistérios que somente o artista poderá desvendar. As falas carregadas de significados não são superiores ou inferiores, mas formas de comunicação, cabendo ao sujeito mergulhar no espaço diverso dos signos, mergulhar na fonte e nela embebedar-se de outros saberes, outros lugares de ensino, significar os signos sociais do grupo no qual atua. Neste campo de fazeres, podemos nos fazer aprendiz. O filósofo destaca, ainda, que os corpos dos personagens são expressão de linguagem. Os linguistas ficariam surpresos ao chegar nestes espaços de falar, escrever e ver as equações linguísticas presentes nos corpos, nos amores, nas ações, nos caminhos, mas só a arte suprema para traduzir os signos estabelece significados muita das vezes ocultados. O currículo nômade significa deixar de ser, passar de uma coisa para ser outra, quebrar as hierarquias, os dogmas, os padrões, as regras, deixar de ser escravo do símbolo, da razão ilustrativa. É conhecer o mundo pela arte, traduzir signos, ser contrário. Igualmente deve ser o currículo. Transgredir com a ordem das formas, dos discursos de ensinar, dos modelos iluministas, da regra, para ser um currículo do diverso, dos marginais, das línguas isoladas, dos silenciados, dos loucos, dos vendedores, pescadores, agricultores, prostitutas, o currículo dos não saberes, do ensino do não ensinar. Através do currículo nômade, o professor se faz rizomático, negando os movimentos de racionalização dos documentos oficiais de ensino, sejam cadernos, formações, livros didáticos, leis. Deleuze fala-nos de um sujeito artista, onde seu fazer projeta para o conhecimento. Este, por vez, é produzido por fluxos de signos. Signos estes produzidos por raízes sociais que rompem com as amarras tradicionais do saber. O rizoma espalha-se em meio às palavras, transcendendo os limites dos padrões sociais, fazendo do sujeito um ser que ensina e aprende, pois, nessa lógica, todos são aprendizes, todos são mestres de um mundo de múltiplos significados. Deleuze quebra com o discurso pedagógico tradicional, da escola formadora, do currículo uno. Deleuze fala de um corpo sem



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

órgãos, corpo entreaberto, aberto para o devir, corpo do retorno, do eterno retorno de Nietzsche. Assim me arrisco a afirmar que a escola do devir é aquela que se refaz a cada encontro, a cada momento, a cada ritual, que do conhecimento arte, escola dos afetos, desejos, de ideias, práticas cotidianas, de encontros sagrados, profanos, onde todos têm voz, escola dos saberes do Santo Daime, do Candomblé, do Negro, do Índio, e de todos os marginalizados pelo conceito europeu de ser e fazer ensino.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

11. Das viagens e paisagens de um mosaico em transformação: Antropologia, Floresta e Artes na Amazônia indígena

Maria Inês de Almeida (UFMG)

RESUMO

Os grupos transdisciplinares de pesquisa Aflora (sediado na Universidade Federal do Acre - <http://aflora.blogspot.com.br/>) e Literaterras (sediado na Universidade Federal de Minas Gerais - Cf. <http://www.letras.ufmg.br/indigena/>) têm mantido, através de alguns de seus pesquisadores, uma profícua troca de experiências relacionadas aos povos indígenas. Pensando na ampliação dessa troca e na produção de um panorama do que vem ocorrendo na Amazônia em termos de escrita, leitura e tradução, envolvendo as comunidades locais e os pesquisadores das áreas de etnologia, arqueologia, estudos linguísticos e literários, geografia, história, artes, etc., é que os dois grupos decidiram se reunir nesta Jornada para provocar, entre os interessados, um ambiente transdisciplinar de debates sobre as transformações e processos de conhecimento que a Amazônia e seus fluxos, inclusive através do Andes, têm permitido desde os inícios da colonização pelos europeia. Assim, o que trespassa e avança nas relações entre letra e voz, arte e vida, nas articulações que pretendemos neste simpósio, poderá ser simbolizado com os rios, os igarapés, as "varações", as "carreteras", com seus movimentos. Assim como a hidrografia, a cartografia, a geografia, enfim, quaisquer grafias, constituem tentativas de desvelar a Amazônia, as narrativas também são capazes de ocasionar mapeamentos das inúmeras e diversificadas paisagens do chamado "mundo amazônico". Este simpósio propõe criar uma oportunidade para que pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento possam ler juntos mitos e textualidades indígenas, para que visões desse mundo de águas e florestas possam inspirar mais aproximações desse complexo mundo. O fio condutor deste simpósio entrelaçaria as paisagens e os caminhos ameríndios, em suas múltiplas acepções. Paisagens podem ser pensadas como lugares vividos e conceptualizados pelos povos indígenas e por outras populações. Os caminhos são as vias e os fluxos, estabilizados ou em devir, que levam de uma paisagem a outra, em transformação. Se, desde o século XVIII, as viagens de exploração contribuíram para o entendimento de uma vasta natureza amazônica (intocada e pura), os vários povos que ali residem compreendem essa natureza de outra maneira, com sua multiplicidade componente, em cada paisagem que se quer destacar. As descrições, as narrativas, as recriações intersemióticas das paisagens amazônicas se confundem muitas vezes com a própria constituição das sociedades que ali vivem. Se, assim, queremos nos remeter sempre à floresta, este simpósio visa a receber contribuições que multipliquem nossas maneiras de pensar as relações que a criam e a multiplicam. As ideias de movimento e mobilidade são, então, fundamentais para pensarmos como lugares, paisagens e sociedades podem ter ressonância interna, ou em como compõem um mosaico em transformação. É nesse sentido que as paisagens abarcam ainda outras qualidades sensíveis que se desenvolvem na floresta, como a música e o cinema indígenas. Serão bem vindos no simpósio trabalhos que repensem as narrativas de viagem; as escritas autóctones; as literaturas, rituais e festas ligadas às plantas medicinais; as histórias e os mitos indígenas; as técnicas e as artes na floresta; bem como a produção científica da e sobre a Amazônia em sua relação com os chamados "saberes tradicionais". Pesquisadores e artistas indígenas serão convidados a expor seus trabalhos e ideias durante o simpósio.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

12. Diálogos sobre saúde, doenças, saberes médicos e outras artes de curar nas Américas e Amazônia

Sérgio Roberto Gomes de Souza (UFAC)

RESUMO

A perspectiva desse Simpósio Temático é desenvolver reflexões sobre os processos sociais e histórico de constituição dos saberes médicos e de outras artes de curar, nas Américas e Amazônia. No caso específico do Brasil, ações de cura fundadas em saberes tradicionais foram objetos de debates desde o início do processo da colonização europeia, no século XVI. A partir do momento em que os portugueses iniciaram a efetiva exploração de sua nova “possessão”, viram-se às voltas com a necessidade de enfrentar as doenças que acometiam os patrícios que migravam para o “Novo Mundo”. Segundo Luiz Otávio Ferreira, as práticas de medicina que passaram a ser desenvolvidas foram forjadas a partir da “convivência e combinação de três tradições culturais distintas: indígena, africana e europeia, com inexpressiva participação dos profissionais de formação acadêmica” (FERREIRA, 2003, p. 101). Nos primórdios da colonização do Brasil, não foram os profissionais médicos que estiveram à frente das artes de curar. Esse ofício, predominantemente, ficou a cargo de “[...] curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, padres, barbeiros, parteiras, sangradores, boticários e cirurgiões” (Idem). Observe-se, nesse caso, a dificuldade para estabelecer rígidas fronteiras entre a medicina acadêmica e outras artes de curar, considerando-se que a primeira “expunha uma concepção da doença e apregoava um arsenal terapêutico fundado numa visão de mundo em que coexistiam o natural e o sobrenatural, a experiência e a crença” (Idem, p. 102). A tradição da medicina popular não se esgotou com o fim do período colonial. Manteve-se durante o Império expressando-se, por exemplo, nas diversas formas de resistência desenvolvidas por parte da população às campanhas vacínicas. Sidney Chalhoub destacou que “a inoculação de pus variólico realizada por curiosos – talvez não só por eles – era prática comum tanto na Corte quanto no interior do país ao longo do século XIX” (CHALHOUB, 1996, p. 128). Em registros feitos por médicos do Instituto Oswaldo Cruz, nas duas primeiras décadas do século XX, encontram-se importantes informações sobre a prática de outras artes de curar, no Brasil republicano. No relatório denominado: “Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás”, de autoria de Belisário Penna e Arthur Neiva, constam descrições de práticas de cura que faziam parte do cotidiano de moradores de algumas das localidades visitadas que, em decorrência da impossibilidade de acesso a médicos e medicamentos convencionais, “procuravam auxílio da flora e fauna locais a fim de se tratarem” (PENNA; NEIVA, 1912, p. 161). As relações que as instituições públicas e setores letrados da sociedade brasileira mantiveram com as outras artes de curar foram paradoxais. Os médicos perceberam que não era possível simplesmente negá-las ou ignorá-las, devido à inserção e legitimidade dessas práticas junto à grande parcela da população. Dessa forma, não podendo simplesmente denunciar o que designavam como “charlatanismo” ou “ignorância popular”, viam-se obrigados a dialogar com essas tradições, “disputando em condições desfavoráveis a autoridade cultural no campo da arte de curar” (FERREIRA, 2003, p. 119). Assim, a legitimidade do médico e da medicina, como conhecemos nos dias de hoje, foi constituída em meio a um processo de intensa disputa, caracterizado por “dissensos, consensos e ampla negociação política entre médicos e outras categorias de curadores” (EDLER, et al, 2001, p. 61). Os embates/disputas não foram suficientes para evitar que diversas normas fossem criadas pelo Estado brasileiro, com o intuito de criminalizar as



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

outras artes de curar. Rupturas às normas ocorriam com frequência. No então Território Federal do Acre, por exemplo, essas outras artes de curar já faziam parte do cotidiano de considerável parcela de seus habitantes antes da chegada da empresa gumífera, na segunda metade do século XIX, bem como da institucionalização do espaço enquanto território brasileiro, a partir de 17 de novembro de 1903. Em um primeiro momento constituíam-se em práticas desenvolvidas por populações indígenas, a partir de uma intensa relação com a fauna e flora existente nos territórios que ocupavam. O padre francês Constant Tastevin tratou sobre esses saberes e fazeres em relatório produzido durante viagem ao rio Tarauacá, no ano de 1926. Conforme o religioso, o uso de plantas e ervas fazia parte do cotidiano das populações locais, que as utilizavam para o tratamento de uma diversidade de moléstias (TASTEVIN, 1926, p. 193). Assim, a perspectiva deste simpósio é desenvolver diálogos com pesquisas/estudos que problematizem com a concepção dicotômica da constituição de saberes médicos e as outras artes de curar, inserindo-os no âmbito das manifestações socioculturais.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

13. Discursos periféricos: patrimônio e literaturas

Elisa Ramalho Ortigão (UFF)

RESUMO

Os chamados discursos periféricos são narrados não só por práticas literárias, mas também por práticas culturais. O conceito de patrimônio imaterial permite uma nova visão sobre aquilo que já se chamou de folclore ou cultura popular. Em patrimônio, não se subtende mais falar a partir da cultura erudita sobre o outro, mas, sim, dar voz ao outro partindo de seu próprio ponto de vista. A Unesco define o patrimônio nos textos base de salvaguarda de 2004: os saberes, fazeres e discursos tradicionais. A América Latina tem no Crespial (Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina) o órgão regulador dos patrimônios e, a nível nacional, o Brasil conta com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para reconhecer e salvaguardar seus patrimônios materiais e imateriais. O longo processo de registro desses bens não acompanha a diversidade que as práticas tradicionais persistem no Brasil e em outros países da América Latina, mantendo, até hoje, um número maior de bens a se registrar, do que aqueles que já passaram pelo processo e podem contar com estudos de salvaguarda eficientes. O primeiro patrimônio imaterial reconhecido no Brasil foi a pintura corporal Kusiva, praticada pela tribo indígena dos Wajãpi, do Amazonas; seguido pelo ofício das Paneleiras de Goiabeiras Velha, na cidade de Vitória no Espírito Santo. Um exemplo de bem imaterial que ainda se encontra fora do escopo nacional e internacional de salvaguarda é a prática das Bandas de Congo do Espírito Santo. Em 2014, o IPHAN iniciou o processo de reconhecimento deste patrimônio, exclusivo do Estado do Espírito Santo, unindo-o a outras práticas de louvor a São Benedito, a saber, as Congadas, práticas do Estado de São Paulo e Minas Gerais; e ao Ticumbi, tradição do norte do Estado do Espírito Santo. O Congo, porém, não se deixa confundir, para os seus praticantes, seja com o Jongo, ou mesmo com as Congadas e o Ticumbi. Ainda que, entre as diversas bandas de congo, haja uma grande diversidade de ritmos, de modos de dança e de ritos, os conguistas (nome dado aos praticantes do congo capixaba) reconhecem uma unidade em sua crença que os identifica como Bandas de Congo e os separa daquelas práticas que parecem semelhantes ao olhar externo. Este simpósio temático se propõe a discutir as práticas e discursos tradicionais, que podem ser tanto orais ou escritos, serem reconhecidos ou não como patrimônio imaterial, e registrados tanto em palavras como em imagens, evidenciando, desta forma, o potencial desses discursos como literatura, entendida, neste sentido, como o discurso de uma comunidade. As práticas dos bens imateriais trazem consigo visões de mundo e cosmogonias próprias, que devem ser valoradas e entendidas como formas de expressão, de memória e de história de seus grupos detentores. Ao tomar essas práticas discursivas como literatura também ampliamos as possibilidades de análise através dos instrumentos próprios da crítica literária e da estética e da literatura comparada. No caso específico do Congo do Espírito Santo, esta visão que propomos busca resgatá-lo dos estudos folcloristas, até hoje aceitos no Estado, e permite instrumentalizar a análise da prática através dos elementos discursivos da alteridade, conferindo, desta forma, voz aos Mestres e aos detentores do saber tradicional.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

14. Ecocrítica e Literatura na América Latina

Mislainy Patrícia de Andrade (UEG)

RESUMO

O termo ecocrítica é, *grosso modo*, o emprego da ecologia e de seus conceitos ecológicos ao estudo da literatura (RUECKERT, 1996). É um estudo literário crítico de base ecológica, embora alicerçado nas Ciências Humanas. A literatura é relevante para a sociedade por ser uma fonte de energia inesgotável – um caminho de interação e diálogo com a ecologia, unindo, assim, as questões literárias às ecológicas. Considerada um dos campos interdisciplinares mais recentes dos estudos literários e culturais, a ecocrítica analisa o papel que a natureza desempenha na formação de determinada comunidade, de acordo com suas características culturais e seu momento histórico. Esta área procura traduzir, portanto, a importância do lugar e do contexto de produção e recepção da literatura. Neste viés, a leitura e interpretação de textos literários não se reduz apenas a condicionamentos linguísticos e históricos, nem tampouco a padrões metodológicos textuais específicos, porque o que a metodologia ecocrítica faz é condensar as metodologias de diferentes domínios das ciências humanas e naturais. A proposta de análise ecocrítica do espaço natural, pode ser compreendida como uma intervenção direta na sociedade, na política, na cultura e nas artes, bem como em debates políticos e econômicos que envolvem discussões sobre a conscientização e a preservação ambiental. No Brasil tem surgido uma preocupação ambiental, porém, ainda pouco desenvolvida. É de suma importância que se trabalhe a nossa consciência ambiental, pois a natureza, antes rica, hoje tem sido massacrada pelo domínio capitalista. Tem-se presenciado a destruição da fauna e flora, bem como a invasão do homem urbano e da tecnologia em áreas e contextos culturais indígenas e ágrafos. Como um viés da crítica literária, a ecocrítica na sua proposta cultural e interdisciplinar, pode ser um elo entre os estudos científicos, culturais e literários, e o trabalho de conscientização e preservação do nosso cenário ecológico. Esta proposta poderá nos direcionar a uma nova forma de educação ambiental e literária, que trata o ser humano como parte integrante da natureza. Desse modo, se traduz a importância de uma relação saudável e consciente entre o humano e não humano, e o seu próprio ambiente de atuação. A capacidade de nos vermos em cada pequeno elemento da natureza, nos traz uma reflexão sobre a nossa própria condição humana, proporcionando-nos uma nova visão de mundo. É neste viés que o presente simpósio almeja reunir pesquisas que se interessem pela proposta interdisciplinar das interfaces da ecocrítica na América Latina e na região Andino-amazônica, como, por exemplo: (1) a ecocrítica e as questões ecológicas; (2) A ecocrítica e o ensino; (3) O ecofeminismo; (4) A ecocrítica comparada; (5) A ecocrítica e a tradução; (6) A ecocrítica na arte: poesia, cinema, música, teatro, pintura, entre outras formas de representação artística.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

15. Formação de Professores em Espanhol como Língua Estrangeira em Ambientes Virtuais: Reflexões sobre Linguística Aplicada, Multiletramentos e Tecnologias Digitais

Duí Barroso Lima Farias (IFS - CAMPUS LAGARTO), Maria Francisca da Silva (UFMA)

RESUMO

A mediação via internet e seus mais variados softwares e aplicativos vieram possibilitar novas relações sociointerativas entre as pessoas, aproximando os lugares, interligando instituições e pesquisas, possibilitando formação e informação em tempo real. O propósito desse simpósio é promover discussão em torno de campos de estudos: a língua(gem) (BAKHTIN, 2003), as tecnologias digitais (BARTON; LEE, 2015) e os multiletramentos (ROJO, BARBOSA, 2015) direcionados para formação docente. Entendemos língua(gem) como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação. Assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica. Em relação às tecnologias digitais, advogamos por um domínio dos letramentos digitais, constituído pelas habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital. No que tange aos multiletramentos, tanto no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos quanto no sentido da diversidade de linguagens que os constituem, os estudos são recorrentes em apontar características importantes como: a interatividade; o viés colaborativo; transgressão das relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não)); o caráter híbrido (de linguagens, modos, mídias e culturas); o lugar de existência é “nas nuvens” e se apresentam na estrutura ou formato de redes (hipertextos, hipermídias). A natureza da comunicação escrita se transformou radicalmente, introduzindo novos gêneros textuais e práticas discursivas (BAKHTIN, 2003) diferenciadas das convencionais, possibilitando o funcionamento de redes sociais no mundo inteiro, o que dinamiza o processo de ensino e aprendizagem e direciona para os estudos dos Novos Estudos de Letramentos e os Multiletramentos, no qual o letramento, para ambos, é constituído em práticas sociais e ideológicas e, por essa razão, não pode ser tomado como um conjunto estático de habilidades e competências. Nesse sentido, a temática abarcará trabalhos resultantes de reflexões sobre as tecnologias digitais e o uso da língua (gem), em tempos de comunicação mediada por aparatos tecnológicos (comunidades virtuais, Ambientes Virtuais de Aprendizagens –AVA, redes sociais, etc.); assim como, promover discussão em torno de ensino de línguas a partir de pesquisas através da Linguística Aplicada e sua abordagem interdisciplinar (MOITA LOPES, 2003), no contexto de usos das tecnologias. Sinalizamos para as discussões em relação ao processo de formação docente advindos dos cursos à distância, mediado pelas tecnologias. Entendemos que o conceito de professor como profissional que reflete sobre sua prática docente, principalmente com uso das tecnologias, poderia ser uma preocupação de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, associando teoria e prática na atuação educacional. Convidamos os interessados em discutir sobre o ensino e aprendizagem de espanhol língua estrangeira, debatendo o atual contexto da educação linguística, com destaque aos encaminhamentos em função da Lei de Conversão nº 13.415 de 16/02/2017, facultando o ensino de Espanhol e colocando obrigatoriamente o ensino de inglês, o que revoga a Lei 11.161, de 05 de agosto de 2005 – que mantinha o espanhol no currículo da Educação Básica, que traz uma posição responsiva enquanto



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

pesquisadores, diante de tais demandas; e os estudos sobre multiletramentos em espaços digitais.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

16. Heterogeneidad cultural en las literaturas y prácticas escénicas andinas

Mauricio Ostría González (Universidad de Concepción)

RESUMO

La diversidad de prácticas literarias y escénicas reconocibles en y sobre el mundo andino manifiesta el carácter heterogéneo de un espacio geográficamente diverso y culturalmente plural. Es más, las relaciones entre esas prácticas configuran un universo de constelaciones discontinuo y fragmentado, que reproduce esa heterogeneidad al interior de cada uno de los ámbitos: presencia, en un solo lugar de varias versiones utópicas o heterotópicas aparentemente incompatibles entre sí. Es en ese 'desorden' literario y escénico donde los fragmentos de testimonios de diversas culturas (tradicionales andinas, relatos u otras formas escritas orales), adquieren plurales y aun contradictorios sentidos. Las más diversas formas de la yuxtaposición y fragmentación cultural aparecen ampliamente reflejadas en novelas, poemas, dramas y en la literatura oral, recopilada por antropólogos, sociólogos e historiadores y practicada por poetas y cantores populares, danzantes y actores. La poesía y el relato de tradición oral (cantos, himnos, leyendas, fábulas), de origen andino otorga valores mágicos, religiosos y sobrenaturales a diversos elementos espaciales: astros, montañas, ríos, lagunas, quebradas, cuevas; igualmente, a los diversos elementos naturales (fuego, agua, aire, tierra, tormentas, flora y fauna). Por otro lado, canta a los rincones conocidos y familiares. Todo lo cual se proyecta y se moviliza en el relato y el teatro moderno. La literatura, el teatro y las prácticas escénicas tradicionales crean espacios evocados (creados por la palabra, el gesto, la danza, el canto, el vestuario) capaces de simbolizar un conjunto de "lugares posibles" para el despliegue de un prodigioso imaginario geográfico, hondamente humanizado. Así, las alturas andinas y sus pueblos de indios, cuyas raíces culturales los vinculan sin interrupción con comunidades de la macro región andina; y los veloces procesos de modernización urbana en ciudades y puertos cuyos horizontes se tornan internacionales y transfronterizos. Estos lugares se hacen palabra (signo, símbolo) y en ese proceso se perspectivizan y asumen el carácter de espacio andino imaginario. Las producciones andinas (narrativas, poéticas, dramático-escénicas) trazan una verdadera cartografía cultural y literaria del mundo andino, así como construyen poéticas del espacio y ficciones geográficas y también relaciones de sentido entre el mundo individual, el social y el natural. En efecto, la función del espacio creado en escenarios o en la página escrita es esencial en tanto crea imágenes del mundo, representaciones semánticas de lugares, que configuran un sistema cultural heterogéneo. De ahí que representar el espacio es una manera de organizar la realidad, darle forma y sentido, actividad que es propia del ser humano, llevado por la necesidad de establecer límites, fronteras, puntos de orientación, en suma configurar territorios. El concepto de territorio asociado a la condición humana permite pensar al hombre como un ser espacial, como fundador de lugares y creador de perspectivas. El "donde" es el lugar desde el cual el mundo se pone en perspectiva, del cual parte la mirada y se construye la existencia y la experiencia. Esta concepción se complementa con la visión de espacio vivido. A la espacialidad externa siempre corresponde una interna, vivenciada. El espacio se fija a partir de los límites que una relación personalizada establece con su entorno. Espacio que también está asociado a un "aquí", la cuarta dimensión del espacio, ya que el tiempo se espacializa como recuerdo, como un lugar en el pasado. El aquí y el ahora aparecen fusionados: explican la dimensión de la historicidad fragmentada en unidades temporales reconocibles en todo espacio.



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

17. História, Economia, Memória, Sociedade, Cultura e Questões Ambientais

Marcos Fábio Freire Montysuma (UFSC), Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque Franco (UFAC)

RESUMO

O presente simpósio temático é uma convocação lançada com o fim de reunir pesquisadores, estudiosos, curiosos, autodidatas, a juventude e as populações da Amazônia, em particular, e da América Latina, no sentido amplo, que tenham interesse em debater seus problemas no/do tempo presente através das áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. Interessa-nos aglutinar e permutar com as pessoas e a sociedade em geral trabalhos relacionados à história, economia, memória, culturas e comunidades que apresentam interseções com perspectivas de caráter ambiental e com a cultura local e/ou culturas locais. A ideia deste Simpósio é problematizar, através das pesquisas concluídas ou em andamento, questões relacionadas à memória, ecologia, mulheres que praticam a permacultura (compreendido como sistema de planejamentos de propriedade rural autossustentável), as distinções situadas em gêneros na relação com os espaços, os seres e com o meio ambiente. Desta feita, nosso intuito é proporcionarmos lugares para discutirmos os movimentos socioambientais, sociedades, grupos, associações, culturas e trabalhos em ambientes peculiares, as ideias e práticas interpretadas como desenvolvimento sustentável e sustentabilidade, as relações de poderes, as subjetividades construindo a história. Nos propomos debater e, ou dialogar através de estudos de casos que a partir de base empírica e/ou teórica se voltem para discutir o desenvolvimento humano e econômico, a solução de problemas ou a superação das questões de natureza tecnológica, a partir do conhecimento cuja base se constitui na experiência dos sujeitos que vivenciam as culturas locais. Assim, nos interessa visualizar diferentes devires considerando o outro, os saberes, as culturas materiais e imateriais dos povos que interagem e compartilham conhecimentos e modos de vidas espalhados na vastidão incomensurável da América Latina. Visamos – mais do que obviamente de servir como espaço de debate –, acima de tudo, estabelecer e facilitar um diálogo multi trans interdisciplinar entre as pessoas, que além de considerar o outro como objeto de pesquisa, o tome ainda e, principalmente como sujeito que interage na construção do diálogo, do conhecimento e dos seus destinos na gerência dos chamados recursos ambientais. Para facilitar o trabalho em nosso simpósio temático, tomamos como baliza temporal o período que remonta aos anos de 1960 até os dias atuais, período que corresponde ao início das ditaduras militares latino-americanas mais recentes, porque estamos convencidos que o tempo presente necessita ser problematizado em todas suas dimensões, sob o olhar indignado dos sujeitos de seu tempo. O cenário de análise é a América Latina em seu amplo território, sem distinções ou recortes que apontem exclusão, comportando o todo. Está claro para nós que as pesquisas que efetuamos situam os locais, em suas dimensões específicas de dado território. Metodologicamente o simpósio temático será executado em formato expositivo, propiciando debates, perguntas, respostas e esclarecimentos por parte dos expositores em diálogos intermediados pela coordenação dos trabalhos. Compreendemos que teoricamente o nosso simpósio temático – em que vicejem as teorias de cada área e subárea do conhecimento – está comprometido em fazer fluir as ideias inspiradas na interdisciplinaridade, que vem ganhando campo na virada do século XX para o XXI. E cuja interdisciplinaridade atuará como uma espécie de guarda-chuva, que orienta o



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

debate, efetuando uma espécie de interseção alimentando o diálogo entre os presentes.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

18. Imaginarios sociales en la ciencia ficción latinoamericana reciente: espacio, sujeto-cuerpo y tecnología

Fernando Moreno Turner (Université de Poitiers), Macarena Areco (Pontificia Universidad Católica de Chile)

RESUMO

En este simposio se busca analizar figuraciones imaginarias relativas al espacio, al sujeto, al cuerpo y la tecnología en obras de ciencia ficción latinoamericanas recientes. Lo anterior se sustenta en la premisa de que, gracias a su dimensión simbólica (Borges), la ciencia ficción es una modalidad que representa de modo privilegiado el imaginario social en relación con el futuro, el presente y el pasado. Expresa así una apuesta respecto al porvenir, en términos de las esperanzas que visibiliza (utopía) y de los horrores que anticipa (distopía), a través de la ideación de tecnologías todavía no existentes (novum) y de aconteceres históricos alternativos (ucronía), algunos vinculados a una crisis global final (apocalipsis) y otros al fin del mundo (posapocalipsis). Es por eso, un género que reflexiona sobre la historia y la política, aunque no de modo directo sino que de manera desplazada (Freud). Una de las formas que adopta este desplazamiento es la presencia de figuraciones relacionadas con diversos ámbitos de lo real. Son estas “figuras/formas/imágenes” (Castoriadis) o “ideas-imágenes” (Baczko) que articulan visiones sociales, imaginaciones que son sintomáticas respecto a la percepción y la conciencia que los individuos tienen del mundo y de su lugar en este, es decir de la ideología en términos de Althusser: “la relación imaginaria de los individuos con sus condiciones reales de existencia” (1969). En el simposio se consideran como obras del género aquellas en las que existe un extrañamiento temático, especialmente vinculado a la representación de una temporalidad futura o a un presente alternativo, como ocurre en la ucronía, y también a la existencia de un novum (Suvín), lo cual se une a un realismo formal y a una transparencia en la representación, que refracta, a través de la imaginación del futuro, la historia y la política. La relevancia del simposio se relaciona con el aporte que significa abordar un género poco estudiado y, en este marco, con la inexistencia de trabajos que den cuenta del estado de la cuestión desde la perspectiva que nos interesa, es decir, desde el análisis de las figuraciones imaginarias de espacio, sujeto-cuerpo y tecnología en las realizaciones propias de la modalidad en la Latinoamérica de los 2000.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

19. **Latinoamérica heterotópica**

Cesar Augusto López Nuñez (UTP), Tiago de Holanda Padilha Vieira (UFMG)

RESUMO

Los estudios de Foucault y Lefebvre sobre la relevancia de los topos en las configuraciones de poder han sido importantes para repensar el espacio no solo como un hecho abstracto, sino como una forma que tiene ciertos patrones singulares en los que el poder se despliega de diversas maneras. Sumado a ello, el pensamiento de Deleuze y Guattari también reflexiona sobre la cuestión del espacio como una formación de flujos de colectividades, a través de las cuales, se establecen coordenadas de relaciones creativas y destructivas. En este sentido, podría decirse que cualquier ejercicio vital implica hacer espacio, liberar o abrir lugares para habitar como para escapar, así como cerrar o dividir lugares. Dentro de este panorama, en Latinoamérica, la cuestión de la relación del espacio y el poder ha sido uno de los tópicos fundantes de la cuestión colonial y de la reflexión epistemológica. Es decir, reconocer y reconocerse en un lugar nunca fue ajeno del morador costeño, andino y amazónico del continente, en términos generales. Aunado a esto, los hombres traídos de África también llegaron con diversos modos singulares de establecerse en la tierra y compartieron, de una u otra forma, las tensiones impuestas por la desterritorialización a la que fueron sometidos con la multiplicidad cultural de América. Como solo una muestra de lo dicho, tenemos el concepto de Pachamama, el cual, se despliega como herramienta de comprensión del tiempo, del cosmos y del espíritu. No existiría un solo universo, sino varios en constante interacción. El simposio busca, en la estela de lo heterotópico, afirmar que en América Latina siempre se estuvieron y se están haciendo nuevas espacialidades a partir del desplazamiento del pensar. En otros términos, aquellos atisbos teóricos europeos no son más que la coincidencia de las batallas que se gestan en nuestro territorio, desde hace buen tiempo, como búsqueda de establecer un nuevo espacio producto de la desestructuración de las cotidianidades prehispánicas. Así, la heterotopía en América Latina no solo es resistencia, sino reconocimiento de la capacidad reconstructiva y crítica que poseen las epistemes supervivientes a la llegada del poder occidental y, más aún, su competencia para dialogar, asimilar o canibalizar otros espacios, creando aberturas, hoyos, puentes, umbrales, límites, ventanas, mundos, etc. que cuestionan la unidimensionalidad u homogeneidad de la experiencia. Una de las herramientas y expresiones de la heterotopia es, sin duda, la literatura, ya que esta se ha presentado siempre como realidad cartográfica sobre los movimientos que el poder ha ido graficando sobre su superficie. Desde obras como la Nueva Corónica y Buen Gobierno de Guaman Poma hasta Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa, tenemos esa constante búsqueda de reestablecer nuevos puntos de inflexión del saber contra la imposición externa o colonial del desplazamiento sobre el espacio, la cual elimina la posibilidad múltiple del viaje y la cognición, por ejemplo. En otras palabras, la literatura se ha mostrado como mapa o guía que nos expresa mundos posibles, los cuales se encuentran siendo en las grandes urbes como en las regiones alejadas, porque en el espacio literario se manifiestan las relaciones del cosmos y la simultaneidad tanto de fraternidad como de tensión conflictiva de potencias que no cesan de desarrollarse en contra y a favor cierta forma de episteme que insiste en crear barreras de comprensión entre una gran diversidad de colectivos que habitan Latinoamérica. El simposio pretende, de esta forma, recibir trabajos que, realzando la heterotopía como atributo y, sobre todo, como vocación de la literatura, indaguen modos, a través de los cuales, la textualidad participa o puede participar del reconocimiento y de la propuesta de la



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

multiplicidad espacial latinoamericana. En otras palabras, investigaciones que aborden de qué maneras la obra literaria desestabiliza órdenes espaciales hegemónicos, sus determinaciones de (re)presentación y de localización, abriendo camino para el encuentro entre prácticas y espacios otros como para la emergencia o creación de diferencia.



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

20. **Lenguas y sonidos de la incertidumbre**

Cristina Burneo Salazar (Universidad Andina Simón Bolívar)

RESUMO

En la línea propuesta por JALLA “Literaturas, culturas y sociedades latinoamericanas en tiempos de incertidumbre”, este simposio propone un recorrido por diferentes materiales literarios y culturales que dan cuenta de las respuestas estéticas, afectivas y políticas que produce la incertidumbre en determinadas coyunturas y escenarios históricos. ¿Qué lengua habla la incertidumbre? ¿En qué silencios reposa? ¿Cómo suena ese “no saber” que la constituye y qué es lo que colapsa ante ese no saber? ¿Se trata de algo que encarna en el cuerpo a ella expuesto? ¿Es posible dar testimonio de aquello que no sabemos bien pero que nos acosa, nos inquieta y nos expone frente al Estado, los otros, la lengua misma? Estas preguntas implican una revisión de las formas y de cómo la lengua literaria y la cultura se vuelven ellas mismas un lugar precario, inestable, insuficiente para nombrar esa “zona de no conocimiento” de sujetos, cuerpos y comunidades que habitan territorios marcados por la fuga y el tránsito, el riesgo, la precariedad y la alteridad. De esta manera el simposio convoca trabajos que reflexionen sobre la relación entre testimonio, escritura literaria y comunidad, en el camino abierto por Josefina Ludmer y las literaturas post-autónomas, Cristina Rivera Garza y la desapropiación, Silvia Rivera Cusicanqui y Ana María Ochoa, así como por “La comunidad desobrada” de Jean-Luc Nancy, “La comunidad inconfesable” de Maurice Blanchot, y “Vivir Junto de Roland Barthes”, entre otros. Se trata de entendimientos de lo colectivo que resignan las lógicas totalizantes y homogéneas para postular la posibilidad de lo común a partir de la condición precaria e incompleta del sujeto. El simposio privilegiará los trabajos que hagan dialogar este referencial teórico dentro de la compleja territorialidad latinoamericana, focalizando especialmente las resignificaciones de la poesía hispanoamericana contemporánea, las propuestas narrativas que problematicen los consensos representacionales en vigor y las experiencias signadas por cierta condición post-autónoma de la literatura en la contemporaneidad.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

21. **Modo fantástico e as literaturas latinoamericanas**

Bruno Silva de Oliveira (UFU), Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

RESUMO

A literatura fantástica tem conquistado espaço nas últimas décadas nos estudos literários, o que vem ocasionando uma irrupção de teorias e críticas que objetivam refletir acerca de suas particularidades. David Roas, em *A Ameaça do Fantástico* (2014), afirma que o fantástico começa a partir do código realista, ao mesmo tempo que se desenrola a partir de uma transgressão desse código. O teórico espanhol defende que o fantástico não é um reflexo deformado da realidade, mas um texto construído aos moldes da verossimilhança da narrativa realista sendo atravessado por um evento inexplicável; salienta-se que o fantástico e realismo não são opostos, mas a partir da argumentação do autor, entende-se que o primeiro seria um produto do último, fruto do século XIX. Entretanto, o fantástico e o realismo são anteriores ao século XIX, pois a literatura realista é uma ideia moderna, que remete ao século XIII; antes desse período, concebia-se que os autores escreviam sobre lugares distantes, em uma escala espacial e temporal do seu mundo imediato, sem compromissos com sua época ou com o cotidiano. Já o fantástico não tem idade, é tão velho quanto o mundo, remonta a narrativas orais que as pessoas compartilhavam próximas às fogueiras, mas que se perderam no tempo por falta de registro, não havendo um marco inaugural para ele. O conceito de fantástico parece tão simples de ser postulado, contudo é um termo complexo. O estudo estruturalista de Tzvetan Todorov, intitulado *Introdução à literatura fantástica*, teve a função de sistematizar e organizar as reflexões anteriores acerca da literatura fantástica, ficando-se como um marco da perspectiva genológica, ou seja, aquela que se pauta sobre o gênero para a concepção do fantástico; perspectiva essa que, além de enquadrar o fantástico a partir de elementos determinados, circunscreveu-o em uma dada temporalidade – o século XIX. Para os teóricos que adotam a perspectiva genológica, é nesse século que a literatura fantástica emerge, valendo-se das regras do mundo prosaico, desconstruindo-as, tornando-as estranhas, abalando as certezas e esfacelando as lógicas que o leitor tem; essa literatura, tomada como gênero, “dá a precisa expressão àqueles elementos que são conhecidos somente através de sua ausência dentro de uma ordem ‘realista’ dominante” (JACKSON, 1981, p. 25), dá voz ao não-dito, ao não enunciado no discurso realista. Vislumbrar o fantástico a partir da visão genológica ocasiona a exclusão de uma vasta produção literária produzida por autores canônicos como William Shakespeare, Ítalo Calvino, Jorge Luis Borges, H. P. Lovecraft, Luís de Camões, entre outros. Ao passo que adotar a visão modal se torna mais pertinente, pois reúne em torno de si uma infindável gama de obras, em virtude de seu caráter atemporal, posicionamento abrangente e agregador, que, segundo Irene Bessière, segue “uma lógica narrativa que é tanto formal e temática e que, surpreendente ou arbitraria para o leitor, reflete, sob o aparente jogo da invenção pura, as metamorfoses culturais da razão e do imaginário coletivo” (BESSIÈRE, 2001, p. 84). O modo fantástico e suas inúmeras manifestações literárias se edificam a partir de um mundo imaginário, onde o insólito se levanta acima do meramente possível e prosaico, não sendo atravessado somente por imagens ilógicas e maravilhosas oriundas do plano físico, como também a partir de acontecimentos sociais e psicológicos que problematizam a realidade para o leitor. Observa-se, então, que o modo fantástico agrega uma gama maior de figuras e situações literárias e culturais, possibilitando a presença de diferentes vertentes, tais como o Gótico, o Realismo Mágico, o Realismo Maravilhoso, o Maravilhoso, a Ficção Científica. Teoricamente, o modo pode ser abordado a partir de duas



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

perspectivas: a discursiva dissertada por Bessièrre em “El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza” (2001), mesmo que ela não conceitue de forma explícita o termo, e Remo Ceserani em *O fantástico* (2006); e a relação entre insólito e real discutida por Rosemary Jackson no livro *Fantasy* (1980) e por Filipe Furtado no E-dicionário de termos literários. Espera-se que as comunicações apresentadas neste simpósio abordem obras oriundas da literatura latinoamericana a partir da abordagem modal, podendo problematizar teoricamente o modo fantástico, a construção do insólito nas narrativas e/ou refletir sobre uma das vertentes que o compõe, agregando conhecimento aos estudos do modo.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

22. Mulheres e terra

Fabiana Carneiro da Silva (USP), Mariana Ruggieri (USP)

RESUMO

Talvez seja necessário começar este convite com um pequeno comentário acerca da discussão que antecedeu a escolha do título do simpósio. Porque nos parecia importante a possibilidade de acolher perspectivas e corpos plurais, nos pareceu igualmente relevante reconhecer a insuficiência da linguagem em sua definição e também deixar explícita a linha que atravessa, perpassa e excede os nomes e os conceitos, fio que queremos perseguir nestes dias de discussão a respeito das possíveis intersecções entre mulher e terra. Quais mulheres, quais terras?, a terra – mas também a Terra – como garantia tanto do sustento fisiológico quanto cosmológico de nossas experiências e também de pontos de vista diversos desde onde é possível fazer perguntas acerca disso que dizemos ser mulher. A categoria “mulher”, em acordo com a sua administração racista e hetero-cisnormativa, produziu corpos cujos desejos foram e continuam sendo destituídos de autonomia, seja no processo de constituição de um âmbito público, vinculado à lógica do trabalho que estabeleceu o âmbito doméstico e reprodutivo como seu espaço, no caso daquelas marcadas enquanto brancas, seja, numa inversão violenta, na constrição ao trabalho forçado e objetificação dos corpos via sequestro da terra e cultura, no caso das negras e indígenas. Ainda que essa esquematização aponte apenas para uma das dimensões das complexas formas de sujeição dos corpos marcados como femininos, é possível generalizar esses corpos como extensões da propriedade privada no transcurso do progresso e da acumulação e, nesse contínuo, sugerir que há relação entre o controle reprodutivo feminino e a imposição da monocultura, assim como entre a racionalização do tempo e a racionalização dos afetos. Em mesma direção, não seria impertinente vincular esses processos, os quais integram o que foi celebrado como modernidade, à sensação de desterro das pessoas sem mãe e sem língua-materna, para as quais aquilo a que frequentemente chamamos de raízes lhes foi rasurado. A contiguidade entre a fertilidade da terra e da mulher, como prece e promessa nas associações que foram feitas ao longo dos séculos, justapõe-se ao fato de que a terra é também uma vala comum – em Ciudad Juárez, os ossos das vítimas dos feminicídios se espalham pelo deserto e pelos lixões, bem como aqui, nos rastros do desenvolvimento brasileiro. Qual caminho, então, é possível percorrer entre uma mulher originária, mas também ponte entre os continentes africano e americanos, Luzia embalada no sono da terra por mais de 11 mil anos, e uma mulher ainda por vir, diante da qual o que em algum momento se conheceu como mulher – determinável pelo estudo da estrutura óssea, por exemplo – talvez já não possa mais se sustentar como marca de reconhecimento? Sublinhando corpos cujas práticas sexuais e afetivas não estão necessariamente voltadas à reprodução, torna-se significativo pensar em outras mulheres, outras terras, outras formas de compreendermo-nos férteis. Receberemos propostas de pesquisadorxs, educadorxs e artistas que se disponham a realizar leituras desde lugares inesperados e que elaborem a terra como substrato para criar uma Terra e corpos habitáveis. Estimulamos trabalhos especulativos, mas que não se furem aos dados históricos e materiais. As reflexões não precisam estar restritas à literatura, assim como a literatura não precisa estar restrita à condição de objeto.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

23. **Narrativas de florestas e cidades amazônicas: patrimônios, histórias e literaturas**

Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

RESUMO

No entrecruzamento cultura-natureza/natureza-cultura estão pontuados os eixos articuladores da perspectiva que norteia esta proposta de Simpósio Temático, que tem como foco discutir os múltiplos aspectos relacionados aos patrimônios, histórias e literaturas das Amazônias e Pan-Amazônia. Neste sentido, busca-se congrega os mais diversos discursos, escritas, abordagens e áreas do conhecimento em que seus atores e autores transitam, dialogam e tecem impressões a partir de suas específicas abordagens. As dimensões espaciais em foco devem transitar pelos diferentes aspectos do urbano e do rural, de cidades e florestas, da cultura e da natureza, das mobilidades e suas permanências, imaginários e “realidades”, que devem ser pensados em suas fronteiras fluidas e em permanentes diálogos, conflitos, usos, desusos, heranças e incorporações. Desse modo, intenta-se aproximar tanto as universidades e pesquisadores de distintos territórios amazônicos, quanto outras vozes externas a eles, pautadas pelas questões do tempo presente para, entre as persistentes criações, recriações e incorporações vividas pelo patrimônio material e imaterial das populações de tradições orais, rurais e ribeirinhas amazônicas, pontuar estratégias de valorização de estudos e publicações articuladoras dos saberes e vozes de distintos sujeitos sociais, tradicionalmente silenciados no âmbito de uma historiografia de caráter amazonalista e oficial. A escrita do conhecimento acerca de patrimônios, histórias e literaturas gestadas no ventre de culturas Amazônicas e Pan-Amazônicas pode ganhar consistentes fios em trabalhos acadêmicos, cujo foco versa por diálogos com documentos orais, escritos e visuais. Situadas em tempos e contextos a agregar temporalidades e espacialidades, tradições e modernidades, localidades e globalidades, essas linguagens permitem leituras capazes de adentrar variados ambientes, onde populações locais ou em deslocamentos inscrevem, em seus encontros cotidianos, todo um modo de vida e de luta, representados em patrimônios materiais, imateriais, afetivos, práticas de trabalho, religiosidades, sociabilidades que exigem e forjam a construção de projetos sociais alternativos para defender suas existências. Em relações quase sempre desiguais, grupos nativos e diaspóricos, misturando-se em diferentes tempos e espaços nas florestas e cidades das muitas Amazônias, desde há muito, encontram-se e se confrontam com epistemologias eurocentradas, defendendo, em meio às tensões e conflitos presentes nos contatos e intercâmbios culturais, interesses e necessidades orientadas por cosmologias esquadrihadas em seus universos culturais. Os diálogos e estudos de diferentes pesquisadores dos mundos amazônicos vêm procurando colocar em evidência práticas culturais e modos de vida gestados em condições peculiares de relação cultura-natureza. A partir desses estudos procuramos definir as noções de patrimônios, histórias e literaturas que tematizam este simpósio. No eixo deste Simpósio Temático está a tríade Patrimônios-Histórias-Literaturas. Patrimônios porque parte da noção própria daquilo que é essencial para a compreensão das culturas amazônicas, a partir das quais homem e “mundo natural” (THOMAS, 2010) se misturam por entre rios, cidades, florestas, serras, vales e as altitudes andinas culturalizando-se ou naturalizando-se na produção de saberes e viveres, crenças, línguas e tudo o que faz parte da produção de humanidades, na perspectiva do tangível e do intangível. Histórias porque tecidas secularmente num mundo marcado pelo tempo da grafia e da pena do colonizador (CERTEAU, 1982) que traduz e é traduzida pelo corpo do



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

colonizado (PRATT, 1999). Mas também por temporalidades geológicas e naturais que produzem outras perspectivas a constituir o ritmo da vida, produzido performances, percussões, oralidades impossíveis de serem traduzidas pelas letras brancas. Literaturas porque tempo e espaço não perduram à margem de narrativas (RICOEUR, 2011), mas entranhadas como dimensão ontológica de sua própria existência. Para além dessa percepção, pensamos a ficção e a história, que se articulam como parte da própria “invenção” (GONDIM, 1994) de uma Amazônia singularizada e a-histórica, impregnada de sedentarismo e cotidianamente desafiada pela errância (GLISSANT, 2005) de “corpos inabitáveis” (VILELA, 2001), pelas falas do intraduzível que somente ganha sentido como parte dos símbolos, desenhos, gestos, cores, odores, saberes, sabores e espiritualidades que se deslocam incessantemente não somente pelas diásporas (HALL, 2003) oriundas dos contatos étnicos, linguísticos e culturais, mas da própria condição de ser, viver e produzir os espaços e tempos amazônicos e pan-amazônicos. Nessa direção, a relevância deste Simpósio Temático consiste na premissa do mesmo ser norteado pelo princípio de correlacionar práticas investigativas em torno de dinâmicas de vida em florestas e cidades amazônicas, pontuando suas semelhanças e diferenças, com o compromisso político e a responsabilidade social na defesa do direito à vida, à história, à memória, ao patrimônio e à cidadania das gentes que vivem nas Amazônias.



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

24. Naturaleza y cultura en la literatura latinoamericana (siglos XIX y XX)

Daniela Evangelina (Universidad Nacional de La Plata – CONICET)

RESUMO

El simposio se propone analizar las inflexiones y significaciones en que aparecen las categorías de paisaje y naturaleza en la literatura latinoamericana de los siglos XIX y XX. En Mas Allá de Naturaleza y Cultura (2012 [2005]), Philippe Descola señala que la dicotomía u oposición naturaleza/cultura emerge en los albores de la modernidad y que es propia de la cultura occidental en la que aparece tardíamente. Nos interesa relevar los matices que adquieren estas categorías en textualidades de los siglos XIX y XX significativas en las consideraciones acerca del espacio y la espacialidad americanas; de ellas se desprenden múltiples estratos entre los que se encuentran las concepciones de la naturaleza (WILLIAMS, 2012 [2005]), la construcción del paisaje (COLLOT, 2010; CAUQUELIN, 2000; BARRERA LOBATÓN, 2014; SIMMEL, 1971) en sus variantes de paisajes culturales (SAUER, 1925) y paisajes espirituales. Estas variables se resignifican y enriquecen si encaramos su lectura desde instancias teóricas interdisciplinarias como la ecocrítica (MARCONE, 1998) y el ut pictura poesis -vínculos entre las artes visuales y la literatura- (GABRIELONI, 2008). A partir, entonces, del peso teórico que tienen las categorías de espacio y paisaje, los objetivos del simposio son, en primer lugar, relevar en los textos la historicidad de la dicotomía naturaleza/cultura (y su variante, naturaleza/artificio) y los diálogos que se establecen con lo sublime y las artes visuales, (especialmente a partir del siglo XIX) y, en segundo lugar, dar cuenta de los paisajes culturales que tienen un papel fundamental en la constitución literaria de la modernidad latinoamericana. De este modo, finalmente, aspiramos a construir un panorama acerca de las nociones sobre la naturaleza americana y sus derivados (presentes en su literatura) en relación con el estatus que nuestro continente tiene en el contexto mundial (GERBI, 1982).



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

25. Nuevas tendencias en la literatura centroamericana contemporânea

Albino Chacón (Universidad Nacional de Costa Rica), Werner Mackenbach (Universidad Nacional de Costa Rica)

RESUMO

La literatura de los años 60 – 80 estuvo marcada por la violencia de los conflictos armados, fundamentalmente en Nicaragua, El Salvador, Honduras y Guatemala. De eso dio cuenta la producción testimonial de la época. Finalizados estos conflictos, y luego de la firma de los acuerdos de paz, Centroamérica entró en un proceso de aparente calma, pero al mismo tiempo comenzó a vivir otros tipos de violencia: institucional, social, delincriminal, de género, migratoria, que perdura hasta el día de hoy. Más que cualquier otra producción discursiva, es la literatura, particularmente la narrativa, la que mejor ha dado cuenta de esa situación, por lo que su lectura y estudio es lo que, en nuestro criterio, nos permite una mejor comprensión de lo que hoy se juega en la región, tanto su presente como su futuro. Nuestro simposio analizará diversas obras contemporáneas y autores de diversos países de la región que nos permitirán mostrar esos aspectos.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

26. Perspectivas transgressoras: espaço continental e universalismo na literatura do século XIX

Dirk Brunke (Ruhr-Universität Bochum), Marcos Machado Nunes (Ruhr-Universität Bochum)

RESUMO

O século XIX é uma época de muitas incertezas. A independência política das colônias envolveu a busca de uma identidade cultural nas novas nações da América Latina. O fracasso de projetos altamente ambiciosos – como a pátria grande na América Hispânica– e a eclosão de conflitos militares sobre a questão da formação do Estado nacional – como a ditadura de Rosas na Argentina ou o período regencial no Brasil – demonstram a instabilidade quanto a espaços de identidade dos sujeitos americanos do século XIX. O Romantismo como fenômeno literário forneceu respostas. Duas dessas respostas foram o costumbrismo, na América hispânica, e o regionalismo, no Brasil, que procuraram, entre outros, descrever e conservar na literatura a história e os costumes particulares de certas regiões. As passagens sobre o Vale do Cauca, no romance *María*, de Jorge Isaacs (1867), ou a rica tradição gauchesca são dois exemplos paradigmáticos do enfoque romântico sobre o local e o regional e que, ao mesmo tempo, fazem parte do *nation building* e dos respectivos cânones nacionais. Nesses tempos de incerteza, de indefinições, construções e reconstruções políticas e identitárias, pensar em perspectivas mais amplas também é uma possibilidade. Para os românticos, a América, como realidade natural singular e anterior aos espaços fabricados das nações, seria capaz de inspirar a literatura nova de um novo homem. Construída na oposição ao peninsular, a identidade americana tanto vai se articular com os diferentes discursos localistas durante a emancipação, como vai ser o centro de projetos políticos mais ambiciosos, como os de San Martín e Simón Bolívar. Mais tarde, já em meados do século, com o desenvolvimento da geopolítica norte-americana no continente, afloram diferentes modalidades – complementares ou antagônicas – de um integracionismo pan-continental (concretizado, entre outros, no Congresso do Panamá e nas Conferências Panamericanas). Desde a América dos românticos e “Las dos Américas”, de Caicedo (1857), passando pelo Guesa, de Sousândrade (1858-1884), e os Cantos del Peregrino, de Mármol (1864), até as reações de Martí e Rodó ao neocolonialismo de finais do século, encontramos a busca de referências espaciais mais amplas que expressam uma nova auto-concepção do Continente. Ao mesmo tempo, as grandes narrativas do progresso e da civilização, que acompanham o novo colonialismo industrial da segunda metade do século XIX, desafiam as identidades locais a se posicionarem numa ampla linha evolutiva da história humana. Nessa perspectiva universalista, procura-se articular questões tidas como ontológicas, cosmogônicas e transistóricas numa literatura que, não raro, volta a buscar parâmetros clássicos, em oposição às estéticas da cor local que marcaram os romantismos nacionais. Esse universalismo encontrará no esteticismo do Modernismo hispânico ou do Parnasianismo brasileiro, a sua expressão literária mais típica. Restará por equacionar, muitas vezes, o problema da integração das nações e realidades locais nos panoramas transnacionais e transepocais, assim como as atualizações dos “dramas universais” nas realidades locais concretas (como em Machado de Assis, p.ex.). As tendências panamericanas e universalistas têm grande impacto sobre o ensaio e a lírica (p.ex. José Enrique Rodó, José Santos Chocano), mas também sobre gêneros do século XIX menos estudados, como a épica. Observamos, por exemplo, na poesia épica, além das narrativas heroicas sobre a fundação de coletividades nacionais (como a Confederação dos Tamoios, de Magalhães, ou Tabaré, de Zorilla de San Martín),

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

uma tendência universalista. No caso do poema Colombo, do brasileiro Araújo Porto-Alegre (1866), essa tendência leva a uma reinterpretação da figura do descobridor como herói das ciências. Já no Guesa, a perspectiva trans- ou pancontinental está associada ao núcleo da construção narrativa. A errância do herói perseguido permite, pelo encadeamento de situações narrativas, integrar a perspectiva continental à representação do espaço, destacando-se o andino e amazônico. O século XIX é uma época de incertezas sobre a identidade na sua relação seja com o espaço regional/local e nacional ou continental, seja com a humanidade em geral. Neste simpósio temático, propomos uma aproximação da literatura (ensaio, lírica, poesia épica, narrativa, drama) desse século e suas margens a partir das questões condutoras abaixo indicadas. Elas são, no entanto, apenas um ponto de partida para a discussão, que está aberta para outras perspectivas, entre outras: em que medida criam-se na literatura espaços que transgridem os espaços tradicionais da nação?; em que medida se estabelecem o espaço andino e amazônico como novos espaços de reflexão, além do nacional e do panamericano?; qual a dinâmica entre os espaços locais e os nacionais, por um lado, e, por outro, o pancontinental e o universal?; qual a relação entre o subjetivo ou individual e o universal ou coletivo?; qual a situação do universalismo nos diferentes movimentos literários ao longo do século (Simbolismo, Realismo, Naturalismo, Modernismo hispano e Parnasianismo brasileiro, assim como a Ilustração tardia das primeiras décadas)?; que motivos, figuras e *topoi* se associam ao universal?; correspondem as visadas para além dos limites da nação a posições nos debates (ideológicos ou estético-literários) nacionais? De que maneira isso acontece?; que reformulações ou novas interpretações de figuras históricas, literárias, míticas ou lendárias (p.ex.: Colombo) encontramos, com sentido pancontinental ou universal?; em que medida se articula na literatura de viagem (amazônica) o desejo romântico do universal?; qual o papel do índio nesses processos de reformulação do espaço identitário?; em que medida o novo classicismo finissecular se aproxima do classicismo da Ilustração? Em que medida é herdeiro do Romantismo?; que imagem do público tem essa nova produção literária? E como reagem o público e a crítica a essa mudança de rumos no fazer literário?

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

27. Poéticas Amazônicas: saberes e linguagens

Paulo Jorge Martins Nunes (UNAMA)

RESUMO

Este simpósio enseja congregar pesquisadores das poéticas, saberes e linguagens da/na Amazônia, sobretudo a brasileira (mas não se restringe a ela), mais próxima de nossa realidade simbólica e cultural, a fim de estabelecer diálogos teóricos, propor parcerias acadêmicas, enfim, discutir formas de socializar e difundir saberes da literatura, tanto na vertente oral (que é muito cara às amazonicidades, visto que as culturas indígenas dão suporte para muitas expressões estéticas e literárias) e escrita. As poéticas do “verde vagomundo” (expressão cunhada pelo escritor brasileiro Benedicto Monteiro), que congregam nossos ‘ethos’ amazônicos e nos são muito caras, pois trafegam valores simbólicos e afetivos, atravessados por múltiplas vozes que se hibridizam desde as culturas ancestrais até as manifestações das mídias urbanas do contemporâneo, não podem ser ignoradas. Na Amazônia, plurissignificativa, inventada a partir de uma nomenclatura criada pelo outro europeu, que viram nas histórias das Icamiabas semelhança com as guerreiras amazonas da Grécia antiga, as vozes se misturam e dão forma a modos singulares de expressão, múltipla, intensa, sedutoras. Este simpósio visa à interação das poéticas orais (a ‘pneuma’, voz, hálito sagrado dos nativos e africanos das diásporas) com as escritas (transplantadas às Américas pelo invasor europeu) e as oraturas (simbiose cada dia mais presente em nosso imaginário), isto é, as manifestações da letra tatuadas pela oralidade e por outras textualidades midiáticas, bem como as demais formas de expressão artísticas e formas poéticas. Este simpósio provocativo, de algum modo, dá continuidade às discussões fomentadas em diferentes eventos, por nós promovidos ou de que participamos, entre os quais citamos alguns já ocorridos: Colóquio Internacional de Literaturas Amazônicas (Julho-Peru, 2016), Simpósios Oralidade e escrita: Mitologias tradicionais, modernas e contemporâneas, das Jornadas Andinas de Literatura (JALLA/ agosto – Bolívia, 2016) e Literatura, cultura e identidade na/da Amazônia: Experiências literárias, textualidades contemporâneas, da Associação de Literatura Comparada (ABRALIC/ setembro, 2016 –Brasil, Rio de Janeiro), Simpósio Amazonas (UFPA, UEPA e UNAMA, 2003), XX Fórum Paraense de Letras, UNAMA, 2017). Destes encontros vicejaram ideias e ações compartilhadas, mas faz-se necessária a continuidade de ações irmanadas entre as universidades e demais centros de saberes que atuam na Amazônia, com o intuito de fazer valer as marcas da oralidade e da escrita de tradição nas Américas e Amazonas, uma vez que delas advirão estéticas, éticas, poéticas e saberes, através da ação de escritores, pesquisadores, teóricos, que agem em busca das complexas identidades, caminhos que não desconhecem conflitos, tradição, oralidade, enfim, discursos e interculturalidades que são alguns dos aspectos a serem abordados por pesquisadores das Amazonas Poéticas que são propostos neste simpósio temático. Nossa proposta é reunir teorias que intercambiem o local e o global, o ético e o poético a partir da reflexão dos múltiplos estudiosos João de Jesus Paes Loureiro, Josebel Akel Fares, Jerusa Pires Ferreira, Luiz Gonzaga Motta, Neide Gondim, Márcio Souza, Paul Zumthor, Fábio Fonseca de Castro, Vânia Torres Costa, Alda Cristina Costa, Eidorfe Moreira, Paulo Nunes, Euclides da Cunha, Alfredo Bosi, entre outros.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

28. Poéticas Oraís Amazônicas: Narrativas das Culturas Populares e seus Trânsitos e Diálogos

Mário Cezar Silva Leite (UFMT), Ronaldo Henrique Santana (UFMT)

RESUMO

Qual é o local da voz em si mesma? No seu ato de acontecimento, evento, propagação, reverberação? Qual a sua dimensão no interior dos universos culturais orais, nos universos fronteiriços urbano-suburbanos, no universo das vozes midiáticas e do texto escrito “erudito” e no jogo fluído das fronteiras porosas entre camadas socioculturais e suas produções simbólicas? Como se espria na transição entre arte-popular-tradição e arte-transição-mercado-globalização? Memória, tradição, comunidade, contiguidade, continuidade, ruptura, como entender esse conjunto em inter-relação da voz na dinamicidade da manutenção, da ampliação e possíveis atualizações das culturas? Qual o elo entre as artes de tradição oral, entre as culturas populares latino-americanas-amazônicas e suas, possíveis, inovações e redimensionamentos? No possível mundo globalizado como se expõem e/ou comercializam as culturas-artes populares latino-americanas-amazônicas? Como e com quais implicações a literatura, o cinema, o vídeo, as mil e uma cybers-possibilidades criam, recriam, inventam, transpõem para o imaginário ocidental os espaços e as gentes amazônicas? Neste sentido, o objetivo deste simpósio é trançar uma cartografia-rede ampla e plural das poéticas das culturas populares da Amazônia; em termos da materialidade, instrumento, dessas poéticas reconhece-se como legítimas as diferentes formas de narrativas populares em si, como textos orais e suas relações com a literatura escrita quer “popular” quer “erudita”, com outras linguagens, sejam elas visuais (cinema, vídeo), midiáticas, musicais e artísticas (teatrais etc.); Refletir sobre as pesquisas em torno das diversas manifestações das culturas populares Amazônicas identificando, reconhecendo nas construções poéticas, tanto de textos orais quanto de textos escritos e/ou outros, as diferentes temporalidades, identidades, tradições e transições problematizando os fluxos e trânsitos na dimensão dos intercâmbios com o mundo contemporâneo; Ainda, pensar a cultura popular a partir das especificidades culturais mediadas pelo ambiente amazônico, que interferem/criam/recriam as relações entre o eu/outro/mundo. Nestor Canclini (2008) chama a atenção para o fato de que “sob a lógica da globalização, o ‘popular’ não é sinonimo de local [...] e que começamos a perceber [...] como a globalização integra, exclui ou segrega as culturas populares” (p. 94). Para Canclini, “a utilidade dos estudos, [sobre cultura popular na globalização], passa por ajudar a discernir entre o que reforça, renova ou desafia as marginalizações arcaicas. Sobretudo para descobrir e pensar como podem as culturas populares sair de seu abandono local e, com suas criações e saberes, participar competitivamente do comércio global” (p. 94). Propõe-se ainda, dar continuidade às discussões realizadas em eventos anteriores sobre Poéticas Oraís no Brasil e América Latina, que possibilitaram a ampliação do debate sobre as múltiplas oralidades, temporalidades e interculturalidades em processos de deslocamento, bem como a criação e recriação da cultura popular amazônica e das dinâmicas socioculturais ali contidas/convergidas. Citamos o XXXI Encontro Nacional da ANPOLL (2016), Colóquio Internacional de Literaturas Amazônicas (2016), 4º Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís, 5º Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (2016), IV Encontro Intermediário do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL (2017), dentre outros.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

29. Processos e questões em torno da questão da circulação literária, cultural e linguística na América Latina

José Luís Jobim (UFF), Roberto Mibielli (UFRR)

RESUMO

Este simpósio pretende pôr em tela a discussão que se vem travando em torno da questão da circulação literária, cultural e linguística, inclusive nas relações intra, inter e transfronteiriças e nos meios “analógicos” e virtuais globalizados. Pretende-se discutir como as distintas ideias linguísticas/literárias/culturais em circulação nos campos dos estudos literários, análise do discurso, linguística, artes visuais e música funcionam no Brasil desde 1822 até o presente. No que diz respeito à circulação literária e cultural, o simpósio pretende incluir textos e discussões que vão explorar esse tema tanto em estudos de casos, analisando obras e autores provenientes de literaturas e culturas diversas, quanto na discussão das questões teóricas que envolvem a circulação e que se referem à temporalidade, ao modo, aos lugares, aos objetos materiais e aos conceitos envolvidos nela, tendo em vista o fato de que, quando falamos da circulação de obras literárias e de outros objetos culturais (filmes, música, pinturas etc.) nem sempre prestamos atenção aos fatores envolvidos nesse processo de circulação. Mesmo quando o valor relativo de uma obra é, de alguma forma, determinado pelo fato de ela circular além de seu “lugar de origem” (como é o caso do famoso “reconhecimento no exterior”, por exemplo), poucos críticos aceitam o fato de que a sua circulação não depende apenas de um suposto valor intrínseco, supostamente “reconhecido” nos outros lugares em que circula, mas também de uma série de outros fatores, que nem sempre são levados em consideração, como se argumentou recentemente (veja-se: José Luís Jobim (ed.) *Literary and Cultural Circulation*. Oxford: Peter Lang, 2017. – A tradução portuguesa será lançada pela mesma editora, ainda em 2017.). Entre outras propostas de comunicação, daremos especial atenção a: 1) análises críticas de autores e obras latino-americanos, com ênfase em seu contexto de recepção e circulação; 2) análises críticas de questões teóricas que se referem à América Latina, como contexto em que são criadas ou transformadas ideias, inclusive sobre os sentidos de criar e transformar ideias na América Latina; 3) análises críticas dos fatores que facilitam ou dificultam a análise cultural e literária dos sistemas literários e culturais locais, regionais, nacionais e internacionais na América Latina, com suas respectivas hierarquias, eventuais hegemonias e práticas cotidianas. Busca-se estimular a formulação de questões inerentes ao campo teórico da circulação artístico-literária e à crítica aplicada a autores e obras, assim como, a ideias e temas daí oriundos. Neste sentido, avivando cada vez mais as parcerias que desde o início deste século vem unindo grupos de pesquisa da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal de Roraima (UFRR), bem como, informalmente, seus respectivos programas de pós-graduação, as instituições e pesquisadores de outros países, estados e instituições, convidamos a todos os que se interessam pela temática, a discutirem conosco as questões em foco. Nesse sentido, e na busca de parcerias cada vez mais produtivas e instigantes e ao debate acadêmico proveitoso, estamos, pois, abertos à colaboração e ao diálogo. Sejam bem-vindos!

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

30. Próprias cartografias alheias - Literatura, Cultura e mobilidades latinoamericanas

Amilton José Freire de Queiroz (UFAC)

RESUMO

O objetivo central do Grupo de trabalho é promover a reflexão em torno da Literatura, Cultura e Mobilidades Latinoamericanas através da interlocução entre a Teoria da Literatura, a Literatura Comparada e os Estudos dos trânsitos culturais no contemporâneo. O ponto de partida das reflexões será o Dicionário de Mobilidades Culturais: percursos americanos, organizado por Zilá Bernd, em 2010. Nesta obra, apresenta-se um mapeamento de termos-chave para a compreensão dos rumos da escrita literária nos séculos XX e XXI: deslocamento, desvio, des(re)territorialização, diáspora, errância, nomadismo, percurso, transnação, tradução, dentre outros. Concomitantemente à análise das implicações teóricas do uso dessa sintaxe crítica, foca-se também o debate sobre o lugar da Teoria da Literatura na projeção de um panorama interdisciplinar que abrace a perspectiva das itinerâncias dentro e fora das fronteiras do literário. Pensada sob a jurisdição dialógica, a Teoria da Literatura constitui um horizonte de articulação fecundo, conjugado especialmente na direção do olhar de autores como Jonathan Culler, Eneida Maria de Souza, Ivete Walty, Thomas Bonnici e Antoine Compagnon. Flagrando também a poética do intercâmbio, a Literatura Comparada triangula ao redor de cruzamentos entre imaginários transculturais. É dessa territorialidade convexa que se disseminam os fluxos da mirada comparatista em torno da bacia estética latino-americana, encontrando respaldo crítico na capilaridade do pensamento de intelectuais como Benjamim Abdala Junior, Tania Carvalho, Eduardo Coutinho, Ligia Chiappini, Zilá Bernd, Marli Fantini, Eurídice Figueiredo, Laura Cavalcante Padilha e Maria Zilda Ferreira Cury. Através do deslocamento pelo território da palavra desses comparatistas, fica patente o desafio de ampliar os limiares da significação em torno da semiótica interplanetária das comarcas, das heterogeneidades e dos balbucios culturais latinoamericanos, entendidos a partir e para além das linhas abissais do entendimento de Ángel Rama, Cornejo Polar e Hugo Achugar. Na busca de promover o exercício da cartografia dos vestígios das relações, o GT acolherá trabalhos cuja dimensão crítica hospede a errância semântica pela trama da opacidade do contemporâneo, em suas articulações axiomáticas e paradoxais, sobre as literaturas e culturas latinoamericanas. Como lugar de movências, o GT será uma forma de habitar o cosmo da interdisciplinaridade entre teoria, crítica e comparativismo, passando pelos continentes da transnacionalidade, transculturalidade e supranacionalidade das narrativas literárias. Mais ainda, contribuirá para abrir frentes de pesquisa a despeito da configuração de outras epistemologias interpretativas do fenômeno literário enlaçado ao percurso transfronteiriço das mobilidades culturais. Consequentemente, a investigação dos novos mapas geo-literários, geo-históricos, geo-antropológicos e geo-culturais passa pelo deslizamento entre o magma das figurações das alteridades transmigrantes, dimensionando o encontro de saberes marcado pela cartografia do trânsito. Posicionado entre o movimento de partida e a dinâmica do retorno, o GT fundamenta-se na diretriz analítica da travessia nas produções artísticas latinoamericanas, sondadas em sua inclinação à fissura, à fricção e à tensão das cenas transfronteiriças. Máxime multiplicidade dos lugares deslocados de epicentros monotemáticos, a escrita de ficcionistas, poetas, dramaturgos e intelectuais dessas margens transbordantes constituirá o porto de reflexão de onde se poderão esticar os fios da polifonia transterritorial figurada na geografia das memórias em contato. Através de vias plurais, O GT é um



SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

investimento contra o raciocínio binário para envidar gestos interpretativos calcados no prazer de traduzir, criticamente, a movência do ser na órbita dos textos literários -, pátrias imaginárias, para usar a metáfora de Salman Rushdie, onde o desvio da visão etnocêntrica dá o tom do intercâmbio dos imaginários. Mirando o alvo da troca dentro e fora do lócus da literatura, espera-se conjugar o espírito nômade e irrequieto de que “teorizar é metaforizar” (SOUZA, 2016, p. 218). Nessa perspectiva, teorizar, comparar e transitar é mover-se em direção à topografia da singularidade plural do ato de ler o texto, redescobrimdo a força do estatuto paradoxal das redes dialógicas e friccionais. Mire-se, portanto, a textualização do alheio através da cartografia do próprio desenhado nas bordas da literatura, cultura e mobilidade latino-americana, abrindo as paisagens e os arquipélagos da memória dos encontros entre os imaginários.

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS JALLA 2018

31. Tradução, Intermidialidade e Adaptação na América Latina

Dennys da Silva Reis (UNB), John Milton (USP)

RESUMO

O sociólogo Néstor García Canclini (1980, 2006, 2007, 2008) afirma que a arte latino-americana sofreu importantes transformações, dentre elas o fato da vulgarização e também da feitura de uma estética própria, nomeada pelo autor como híbrida. De fato, as mudanças sociais ocasionadas pelas tecnologias (especialmente pelo que Henry Jenkins [2009] nomeia cultura da convergência) e também pelo acesso mais imediato a padrões artísticos europeus fizeram com que na América Latina a arte se tornasse contestadora, popular e simplesmente *sui generis*. Essas três características - por vezes unidas, por vezes separadas - foram reconhecidas nos processos de antropofagia (ANDRADE, 1928), transcrição (CAMPOS, 1992), transculturação (ORTIZ 2002), hibridismo (CANCLINI 2006), poética da diversidade (GLISSANT, 2005), migração (OLIVIERI-GODET, 2010), dentre tantos outros que, *grosso modo*, podem ser entendidos como mecanismos de adaptação (HUTCHEON, 2013), tradução intersemiótica (PLAZA, 2010) e intermidialidade (DINIZ, 2012; DINIZ, VIEIRA, 2013; CLUVER, 1997, 2006a, 2006b). Essas amálgamas têm sido cada vez mais constantes nas culturas latino-americanas, o que nos faz afirmar que existem características específicas deste contexto que as diferenciam de outros. E é nesse viés que o presente simpósio procura reunir trabalhos que se interessem pela transferência de ideias ou técnicas de uma linguagem (oral, escrita ou mediática) a outra. Os exemplos dessas transferências são inúmeros: obras literárias que se tornaram filmes, telenovelas ou radionovelas; músicas inspiradas em obras pictóricas ou tornadas videoclipes; a transformação de textos performáticos em textualidades escritas (como, por exemplo, as emergentes textualidades indígenas [MATOS, 2012]); artes plásticas oriundas de outras artes (fotografia, pintura, literatura, música, arquitetura, etc. [ARBEX, 2006]) ou processos artísticos (bricolagem, truncamento, reescritura, reciclagem [OLIVEIRA, 2002] etc.); peças de teatro e dança transpostas de outras produções artísticas; esculturas, quadrinhos e grafismos inspirados ou adaptados de temas ou mecanismos artísticos; artes andino-amazônicas que inspiraram ou fazem parte de novas produções artísticas, etc. Por isso, dentre os temas propostos para o presente simpósio, almejamos discutir: características especificamente latino-americanas de traduções e adaptações; traduções entre as línguas e artes hegemônicas e línguas indígenas e artes andino-amazônicas; tradução e adaptação do discurso e das artes de grupos marginalizados na América Latina (mulheres, negros, indígenas, LGBT, etc.); novas formas de tradução e adaptação existentes para grupos específicos na América Latina (línguas de sinais, audiodescrição, braille, dentre outros); tradução e adaptação de conceitos, técnicas e outras formas semióticas na América Latina; representação da América traduzida ou adaptada para fora do contexto latino-americano em filme, peça de teatro, literatura, dentre outras artes; éticas do traduzir e do adaptar no contexto latino-americano; teorias dos Estudos de Adaptação, Estudos Interartes e Estudos da Tradução produzidas no horizonte latino-americano; estudos de narrativa transmídia na América Latina; comparação, disjunções e combinações das artes latino-americanas e andino-amazônicas. Além desses temas, outros que entrelaçam as questões aqui discutidas e que não foram mencionados acima serão bem-vindos a fim de se mapear conceitos, modos, éticas e técnicas de adaptação, tradução e intermidialidade das artes latino-americanas e andino-amazônicas.